

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM TÉCNICA DE ENCENAÇÃO TEATRAL, CANTO, DANÇA
E DIALOGISMO**

**APROVADA
NOTA: 10,0 (DEZ)**

A INFLUÊNCIA DO TEATRO NO MUNICÍPIO DE ALTA FLORESTA

Elisa Gomes Machado

elisagomes.machado@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Ilso Fernandes do Carmo.

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM TÉCNICA DE ENCENAÇÃO TEATRAL, CANTO, DANÇA
E DIALOGISMO**

A INFLUÊNCIA DO TEATRO NO MUNICÍPIO DE ALTA FLORESTA

Elisa Gomes Machado

Orientador: Prof. Dr. Ilso Fernandes do Carmo.

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do Título de Especialização em Técnica de Encenação, Canto, Dança e Dialogismo.”

ALTA FLORESTA/2014

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as pessoas que construíram a história do Teatro em Alta Floresta, em especial aos que foram verdadeiramente abnegados para colocar o Município em destaque no Estado de Mato Grosso e no país na área teatral.

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha gratidão sincera aos meus pais, Eurico e Zeli, que, na modesta condição econômica que sempre viveram, me incentivaram nos estudos e me apoiaram em todas as decisões de minha vida;

À minha filha, Verônica Bizinoto Macedo Machado, pela riqueza de seu amor filial e grande apoio emocional em todos os momentos de difícil travessia em meu caminho;

Aos meus colegas de teatro com os quais convivi por longo tempo, amigos e alunos de teatro que estiveram comigo em muitas produções e apresentações teatrais e nas oficinas de teatro no decorrer de toda a minha trajetória de atividades nesta área, desde Uberlândia/MG e, em Alta Floresta, nos percursos de 1983 a 1987, em Minas Gerais e desde 1988 em Mato Grosso;

À todos os professores de minha jornada educacional, em especial aos que, com sabedoria e dedicação, foram proficientes mediadores de novos conhecimentos e aprendizado no Curso modular de Pós-Graduação que ora estamos concluindo.

**A primeira função do Teatro não é formar talentos, e sim, fazer a mais profunda
investigação da vida humana.**

(Agostinho Bizinoto)

RESUMO

A escolha temática para este trabalho foi feita para demonstrar a influência do Teatro no Município de Alta Floresta desde os antecedentes do grande marco do início da organização do movimento teatral local, 1988, percorrendo a história desta modalidade de manifestação artístico-cultural nos mais variados aspectos como formação de grupos, tipos de gestão, produções teatrais, apresentações, linguagens adotadas, processos de escolha e montagens de espetáculos, espaços físicos de atuação dos fazedores de teatro, equipamentos utilizados, formação de público, principais projetos de interação com as escolas e comunidade em geral, oficinas permanentes de teatro e as eventuais, relacionamento com o poder público, participação de Alta Floresta em mostras regionais, festivais estaduais e nacionais, surgimento da dramaturgia alta-florestense, dentre outras ações e fatos que comprovam a importância e a evidente influência do Teatro no Município. Para a realização desta monografia foi realizada pesquisa documental utilizando publicações na imprensa local, regional e estadual, como também leis e depoimentos complementares de teatrólogos e de pessoas da sociedade alta-florestense, analisando todo o material encontrado que, por sinal, é bastante farto e, posteriormente, feita uma seleção desse material de modo que testemunhasse os propósitos deste trabalho monográfico. Portanto, devido encontrar dados, informações, documentos e registros em abundância sobre a trajetória do Teatro em Alta Floresta, a opção de pesquisa para construção desta monografia foi voltada para o ajuntamento do material acima mencionado, uma vez que, pela quantidade encontrada, não houve necessidade de elaborar formulário para pesquisa de campo e os resultados, no meu entender, foram bastante satisfatórios, pois ficou demonstrada a grande influência que o Teatro teve na vida da comunidade Alta-Florestense e, de modo mais especial e profundo, na vida dos que participaram diretamente do movimento teatral do município. Outra justificativa pela opção desse tema trata-se de meu envolvimento e participação direta nesta área artístico-cultural e de ter sido uma das participantes da implantação da gestão cultural do Município, a partir de 1988, especialmente em se tratando do Teatro.

Palavras-chave: teatro, grupos de teatro, produções e apresentações teatrais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. O Teatro em Alta Floresta - Formação, Contribuição e Luta	10
1.1 Início da Formação de Grupos Culturais na Área Teatral e Noutras Modalidades no Norte de Mato Grosso, Alguns Constituídos como Entidades Artístico-culturais de Acordo com o Código Civil Brasileiro	10
1.2 Fundadores do Grupo Teatro Experimental de Alta Floresta	12
1.3 Começando sem Espaços Físicos e sem Equipamento Técnico e Investimentos	15
1.4 O influxo do Teatro no Poder Público.	18
1.5 O Teatro Provoca o Início da Criação de Leis Culturais no Município	20
1.6 Grupos de Alta Floresta e de Colíder Vão para Evento Estadual	23
1.7 Encontros Municipais Anuais de Cultura e Seminários	25
1.8 Criação dos Polos de Teatro pela Federação	26
1.9 Mostras Realizadas no Polo Norte de Teatro	26
1.10 O Presidente da Federação, Eleito no V Congresso da Então FEMATA Vem, em Julho de 1989, Visitar e Conhecer de Perto o que Acontecia na Área Teatral de Alta Floresta	33
1.11 Oficinas de Teatro no Município de Alta Floresta	35
1.12 Grupos Escolares e em Igrejas	36
1.13 Os 15 Anos do Teatro Experimental: Um Grande Marco	37
1.14 O Teatro de Alta Floresta e Órgãos de Comunicação	43
1.15 Formação de Público - Dois Casos	50
1.16 Dramaturgia Alta-florestense	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Alta Floresta foi construída a partir de um projeto de colonização particular que deu início à ocupação efetiva e duradoura da região do extremo norte de Mato Grosso até então pouco habitada e pouco conhecida, localizada nas proximidades dos estados do Pará, com o qual faz divisa, e já em território amazônico, região alcunhada de “Nortão” mato-grossense. Considera-se como data de fundação o dia 19 de maio de 1976, quando foi aberta a primeira clareira na floresta, onde seria o futuro município de Alta Floresta.

Devido a grande propaganda sobre as atrativas oportunidades na nova região, apesar dos grandes desafios a serem enfrentados pelos migrantes, propositadamente feita com intensidade na região Sul do país, já em 1976 começaram a chegar muitas famílias, principalmente no Paraná e em menores proporções de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e o lugarejo cresceu rapidamente. Inicialmente, o território pertencia ao município de Aripuanã, mas com menos de 4 (quatro) anos de existência Alta Floresta foi elevada à categoria de Município, tendo sua emancipação político-administrativa consolidada pela Lei Estadual 4.157 de 18 de dezembro de 1979.

Como o foco deste trabalho não é relatar a história do município, vale ressaltar que em meio à multidão que migrava para Alta Floresta, quase que ao mesmo tempo, num processo que pode ser entendido como transculturação pelo volume de pessoas oriundas do Sul do Brasil, em maior quantidade, como dito anteriormente, do Paraná, obviamente, que, dentre eles, alguns estavam engajados nalgum movimento ou grupos artístico-culturais em seus locais de origem.

Não tardou para que as primeiras manifestações artístico-culturais começassem a acontecer em Alta Floresta com destaque para a música e, na sequência, o teatro. Um movimento musical foi criado fazendo surgir, em 1981, o FESCAF – Festival da Canção de Alta Floresta idealizado pelo cantor e compositor Donizete Aparecido Ramos, juntamente com Paulo Roberto Martins, e que contou também com a participação do então educador, na época, José Luiz Augusto Teixeira, este último mais na condição de incentivador e apoiador da iniciativa. Para fazer a animação e acompanhamento musical do festival foi formado um conjunto

musical sob a liderança de José Correia de Araújo, violonista e guitarrista que também veio do Paraná. Este festival de música é realizado anualmente até os dias de hoje. Primeiramente, os concorrentes eram apenas cantores e compositores locais. A partir da 8ª edição, em 1988, começaram a participar pessoas de várias localidades de Mato Grosso e, no ano seguinte, passou a ser de abrangência nacional para a concorrência.

O teatro não ficou atrás e algumas peças teatrais começaram a ser produzidas e apresentadas, com destaque para a “Paixão de Cristo” e peças infantis de Maria Clara Machado. Um grupo foi naturalmente sendo formado com um número de pessoas razoavelmente grande que se envolviam com as montagens das peças teatrais. Dessa época são lembradas em grau de maior importância no embrionário teatro alta-florestense, as pessoas de José Ricardo Ozólio, Antônio Franco, Everton Tiso e Paulo Roberto Martins. As montagens dos espetáculos e suas apresentações eram esporádicas e as primeiras oficinas e direção de teatro que se tem notícia aconteciam, em sua grande maioria, com a vinda de Roberto O’Hara que, eventualmente, vinha de Minas Gerais a convite da equipe de fazedores de teatro em Alta Floresta. Para custear as produções contava-se com o apoio de comerciantes e eram realizadas algumas promoções para obtenção de recursos que serviam também para pagar o mineiro convidado.

No final de 1987, momento em que o país vivia o período de redemocratização saindo em definitivo do regime dos governos militares, os movimentos sociais e culturais de resistência iniciaram formas diferentes em seus processos de organização preparando-se para um novo momento da história brasileira, acontecendo uma verdadeira efervescência no meio artístico em todas as modalidades de expressão. Em Alta Floresta, esse ano terminou com um grande número de pessoas interessadas em atuar nalguma área artística, principalmente nas áreas da música e do teatro.

Na vizinha cidade de Colíder, em 1987, já acontecia uma grande movimentação teatral sob a liderança de um experiente ator e diretor de teatro, Renan Dimuriez, oriundo de um grupo de teatro de Sorocaba/SP, que criou o Grupo Teatral Raíces Centro Norte com a montagem do espetáculo “Cowboy, Laços da Saudade”, de sua autoria, que se apresentava em várias localidades, tanto em áreas urbanas como em comunidades rurais, obtendo um grande sucesso por um longo

período, pela linguagem popular que dialogava acertadamente com a realidade local e com o qual o público se identificava prontamente. Esse espetáculo, dirigido pelo próprio autor, foi bastante significativo na história do teatro da região norte de Mato Grosso, pois além da formação de atores e atrizes foi também uma grande expressão na formação de público para o teatro, até mesmo pela escassa produção de peças teatrais na região e com comunidades formadas por pessoas que nunca tinham assistido sequer uma peça de teatro.

Outro fator importante no final da década de 1980 é que o movimento teatral brasileiro era organizado por meio de federações estaduais que aglutinavam os grupos e era bastante usual o termo “amador” no meio teatral. As federações eram formadas pelos grupos amadores como, por exemplo, em Mato Grosso, a sigla FEMATA significava Federação Mato-grossense de Teatro Amador, em consequência da organização nacional que acontecia desde a década de 70 através da FENATA – Federação Nacional de Teatro Amador, modificada, em seguida, para CONFENATA – Confederação Nacional de Teatro Amador, formada por todas as federações estaduais que, conseqüentemente, eram compostas pelos grupos de teatro de seus respectivos estados.

No início da década de 1990, o termo “Amador” começou a ser abolido do meio teatral, uma vez que seu verdadeiro significado nunca foi bem entendido ou era interpretado erroneamente, passando simplesmente a ser utilizado popularmente para classificar os que não faziam teatro como opção profissional num nível inferior de qualidade das produções e não era esse o propósito inicial da utilização dessa terminologia que surgiu apenas para diferenciar os que atuavam no teatro como opção de vida e não como alternativa econômica.

Esta pesquisa é relevante para revelar a importância do teatro nos espaços de debate, mudando, no setor cultural a cultura política. Ainda, os objetivos centrados em discorrer sobre o histórico do teatro em Alta Floresta, bem como suas contribuições para os adolescentes e jovens, dramaturgia e a participação política para além do segmento teatral. Para isto, escolhemos a pesquisa documental para percorrer o processo histórico do teatro, bem como revelar a sua contribuição por meio do cruzamento dos dados levantados.

1. O TEATRO EM ALTA FLORESTA - FORMAÇÃO, CONTRIBUIÇÃO E LUTA

Os resultados e a discussão estão organizados em subseções de vão apontando cada momentos histórico como foco teatral, desde a fundação do Teatro Experimental de Alta Floresta em 1988, que catalisou e organizou o movimento cultural em suas formas institucionais, a partir de toda a sua efervescência e diversidade.

1.1 INÍCIO DA FORMAÇÃO DE GRUPOS CULTURAIS NA ÁREA TEATRAL E NOOUTRAS MODALIDADES NO NORTE DE MATO GROSSO, ALGUNS CONSTITUÍDOS COMO ENTIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS DE ACORDO COM O CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO

Curiosamente, a partir de 1987, começando por Colíder, em seguida, 1988, em Alta Floresta, depois em Sinop e em vários outros municípios do Norte de Mato Grosso, região ainda bastante nova em seu processo de ocupação, com quase todos os municípios sendo criados por colonizadoras particulares, a área artístico-cultural teve uma evolução surpreendente num curto espaço de tempo, principalmente considerando a distância de grandes centros e até mesmo da própria capital do estado, Cuiabá, e ainda levando em conta as dificuldades, na época, de acompanhar as informações sobre o que acontecia no restante do país. Em meio à uma miscigenação cultural fantástica, com gente originária de várias localidades do país, artistas ou não, a maioria jovens e crianças começaram a se reunir, formar grupos e constituírem entidades artístico-culturais, gerando movimentos interessantes e envolventes através de suas produções nas mais diversas modalidades e promovendo um significativo engajamento com a sociedade.

Pelos documentos e registros consultados, o ano de 1988 foi decisivo para Alta Floresta neste sentido. Além da fundação do Teatro Experimental de Alta Floresta, entidade atuante até os dias de hoje sem nenhuma interrupção, somente em Alta Floresta passaram a existir vários grupos e entidades artístico-culturais, com maior destaque para o teatro, chegando, até meados da década de 1990, a somar mais de 20 (vinte) agremiações culturais sendo, as principais: Teatro Experimental de Alta Floresta, Grupo Teatral Dito e Feito (Escola Positivo), Grupo Teatral Bebê de

Criação (bairro Cidade Bela), Origens e Máscaras – Eventos Teatrais (inicialmente denominado de Proscênio), Grupo Teatral Luzes da Ribalta (setor Industrial), Grupo Teatral Expressão (Escola CNEC), Grupo Teatral Fazendo e Aprendendo (Escola Vitória Furlani da Riva), Grupo ECA – Evangelizando com Arte (Igreja Católica), Grupo Teatral Evangélico (Igreja Presbiteriana Renovada), Cia. Skambal de Teatro, Grupo Teatral Falha Nossa, Grupo Teatral Boca de Cena, Academia Alta-florestense de Letras, AACC – Associação Alta-florestense de Cantores e Compositores, Grupo de Artistas Plásticos e Artesãos, Coral de Alta Floresta, Banda Municipal de Música, Fanfara Municipal, Grupo Recreativo Escola de Samba Unidos da Floresta, G.R.E.S. Unidos da Rua, G.R.E.S. Acadêmicos do Centrão, Blocos Carnavalescos, além da implantação de oficinas permanentes de artes e Curso de Entalhes em Madeira pelo poder público. Vale ressaltar que o “carro-chefe” de tudo foi o teatro que não somente estimulava a formação desses grupos como também interagiu com todos eles de alguma maneira.

Devido à quantidade de grupos de Teatro sendo formados em Alta Floresta e aumentando a quantidade de interessados nessa prática de manifestação artístico-cultural, começando em 1988 e continuando no decorrer da década de 1990, decidiu-se criar a ATE – Associação Alta-florestense de Teatro, o que se deu aos nove dias do mês de março de 2002, iniciando suas atividades com 9 (nove) grupos filiados, com a principal finalidade de discutir e deliberar sobre pontos comuns a todos os grupos tanto com relação às dificuldades que enfrentavam como também organizar mostras municipais e fortalecer a categoria no que se referia às participações desse grupos em mostras e eventos regionais e estaduais. O principal projeto da ATE foi denominado de “Fazeres Teatrais”, cujos objetivos mais importantes era manter e implementar melhorias no Teatro Oficina (espaço físico conquistado pela categoria) que funcionava em prédio alugado pela Prefeitura Municipal, situado à rua do Araújo nº 28, administrando o local juntamente com o setor público de cultura e Conselho Municipal de Cultura; desenvolver programas de cooperação e incentivo aos grupos de teatro; propiciar a qualificação dos fazedores de teatro através de oficinas e cursos; auxiliar os grupos em suas produções teatrais; desenvolver programas de engajamento social por meio da arte; promover encontros, fóruns, seminários e outros eventos de formação e informações abertos à comunidade; apoiar circulações e intercâmbios de apresentações teatrais, dentre

outros. Essa associação durou aproximadamente 10 (dez) anos e foi extinta quando alguns grupos ficaram fortalecidos e começaram a ter autonomias próprias, adotando linhas diferenciadas de atividades e de gestão. Um dos legados importantes da ATE foi o Seminário de Cultura que continua sendo realizado, anualmente, pelo Teatro Experimental de Alta Floresta.

Com o passar do tempo, muitos desses grupos ou entidades deixaram de existir ou foram modificados em suas formas de atuação, sendo o teatro a modalidade artística com maior longevidade e influente no setor artístico-cultural, mais precisamente representado pelo Teatro Experimental de Alta Floresta que, inclusive, realizou também a primeira Mostra/Festival de Cinema de Alta Floresta, em 2006, que resultou na criação do Cineclube Floresta e na implantação do Festival de Cinema na Floresta que passou a ser de responsabilidade do Cineclube Floresta, fundado no ano seguinte, 2007, no decorrer da segunda edição do festival, para a continuidade desse evento anual no município.

Pela sua importância para o município e, atualmente, para o teatro brasileiro, vale destacar um pouco de sua trajetória, uma vez que foi o primeiro grupo constituído como entidade artístico-cultural devidamente registrada em cartório e reconhecida legalmente como utilidade pública municipal e estadual. Seu objetivo, desde o início, não é somente o de produzir espetáculos teatrais, mas desenvolver outras atividades concernentes ao teatro, principalmente na formação de atores, atrizes, técnicos, manter um núcleo permanente de estudos e pesquisas sobre teatro, além da formação de lideranças e de público para o teatro.

1.2 FUNDADORES DO GRUPO TEATRO EXPERIMENTAL DE ALTA FLORESTA

Conforme está registrado no opúsculo publicado por ocasião dos 15 (quinze) anos de fundação do Teatro experimental de Alta Floresta, comemorados em julho de 2003, são considerados como os dois principais fundadores desta entidade artístico-cultural no município, Agostinho Domingos Bizinoto Macedo (nome artístico: Agostinho Bizinoto) e Elisa Gomes Machado (nome artístico: Elisa Gomes), a autora deste trabalho. Na página 17 deste libreto denominado “Teatro Experimental de Alta Floresta – 15 anos em cena – Um pouco de uma história que continua”, comenta-se, de maneira sintetizada, sobre os fundadores:

Este casal de mineiros veio da cidade de Uberlândia/MG, onde participavam do movimento teatral daquele município – ele, desde agosto de 1968 e ela, desde 1983 – atuando num grupo denominado Grupo Teatral Erecteion. Lá, Agostinho Bizinoto foi também presidente da ATU – Associação de Teatro de Uberlândia em três gestões, num entrosamento com o Polo de Teatro do Triângulo Mineiro, órgão administrativo regional da Federação de Teatro de Minas Gerais (FETEMIG). Ambos sindicalizaram-se pelo SATED/MG – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões e, em 1986, Agostinho Bizinoto conseguiu sua filiação na SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais com a peça A PAZ QUE NOS DERAM, apoiado e tendo como co-autor o dramaturgo, diretor e ator Édsel Brito, que foi companheiro do renomado Gianfrancesco Guarnieri nalgumas produções.

Como tinha uma inquietante curiosidade em conhecer com mais profundidade alguns municípios da Amazônia, especialmente o processo ocupacional feito através de empresas colonizadoras, Agostinho veio conhecer Alta Floresta no final de 1987 e como imediatamente acertou trabalho para os dois, em janeiro de 1988 vieram em Alta Floresta já com trabalho anteriormente combinado – ele, na Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal e ela no Departamento de Cultura da então Secretaria Municipal de Cultura e Esporte. No início, a intenção era permanecerem em Alta Floresta por um ano e depois retornarem para Uberlândia/MG.

Como eram pessoas de teatro, procuraram aqueles que já desenvolviam essa arte na cidade – na época estavam estreando a peça A Bruxinha que era Boa, de Maria Clara Machado, sob direção de Roberto O'Hara – e, aos poucos foram conhecendo e entrosando com os fazedores de Teatro na época. Na sequência, montaram, com crianças, o espetáculo A Chuva de Sorrisos, de Pascoal Lourenço e, daí por diante, percebendo o interesse, principalmente de crianças e adolescentes, formaram um grupo, cuja fundação oficial se deu em 09 de julho de 1988, acatando a denominação que já vinha sendo utilizada anteriormente pelo pessoal de teatro, registrando-o em cartório como Teatro Experimental de Alta Floresta. As reuniões administrativas do grupo eram realizadas semanalmente e os estudos e ensaios de peças aconteciam em acordos com o elenco de cada peça escolhida democraticamente por todos os seus membros. Uma prática implantada e que funcionou por cerca de 18 anos eram os encontros festivos feitos de forma itinerante

nas casas dos integrantes do grupo, com fins de entretenimento, promover laços afetivos e envolver as famílias no processo de atividades do Teatro Experimental de Alta Floresta, mesmo porque a maior parte dos membros do grupo em seus primeiros anos de existência eram crianças e adolescentes e o acompanhamento de seus familiares se fazia necessário para conhecerem os critérios adotados para o funcionamento do grupo, conhecerem bem os adultos que trabalhavam com os menores de idade e se envolverem com as produções teatrais. Considerando ainda a grande quantidade de crianças e adolescentes que procuravam e participavam do Teatro Experimental de Alta Floresta e de outros que foram se formando, os dirigentes tinham algumas preocupações especiais em se tratando da formação de seus integrantes como estimular a frequência no ensino regular educacional, orientar para um bom convívio familiar e desenvolver o potencial afetivo entre as pessoas em todos os aspectos a começar pelo relacionamento interno com os colegas de teatro.

Em 2008, representando todas as crianças e adolescentes que cresceram participando do TEAF, a maioria hoje com formação em cursos superiores e muitos continuam até hoje fazendo teatro em Alta Floresta ou noutras localidades do país, Ronaldo Adriano, atualmente adulto e importante teatrólogo alta-florestense como ator, diretor e estudioso de teatro, comentou sobre os fundadores desse grupo no prefácio do primeiro livro de dramaturgia alta-florestense com textos teatrais de Agostinho Bizinoto “Dramaturgia popular surgida de experiências em grupo”:

Nos idos de 1988, quando o garimpo começava a declinar e o impiedoso desaparecimento das ricas pepitas de ouro, outrora ostentadas com orgulho por homens e mulheres do garimpo, no meio da efervescência de gente indo e vindo, mais indo do que vindo, muitos indo pra nunca mais voltar, empurrados pela desumana relação social que germina sob o brilho do metal, chega a Alta Floresta, não atraídos pelo tal brilho, mas por vontade de conhecer uma cidade amazônica, um casal que trouxe luz aos inexistentes palcos de teatro da Floresta. A chegada de Agostinho Bizinoto, acompanhado de sua então companheira, a atriz Elisa Gomes Machado, foi a descoberta de uma enorme pepita de ouro que estava encoberta pelo melechete (barro, como se diz no garimpo) produzido pelo revolvimento da terra e apenas alguns, inicialmente, os mais sensíveis culturalmente, puderam ver o brilho de ambos. Como traziam consigo o salutar vírus do Teatro, souberam, com humildade e sabedoria, iniciar a construção de uma grande obra que perpassa por várias áreas artísticas e tem seu ápice no teatro. Começaram com os mais interessados e sensíveis às coisas boas e às maravilhas que só a magia do Teatro com a função de mostrar o ser humano por inteiro pode proporcionar: as crianças. Agostinho, com seu jeito de fazer teatro, encontrou nas crianças do Teatro Experimental (grupo que fundou efetivamente em 1988) solo fértil para semear valores humanos e o gosto pelo desenvolvimento e seriedade ao fazer teatro. Crescemos e estamos até hoje multiplicando tempos a fora o nosso aprendizado inicial crescendo, com liberdade, o que vamos acumulando dia-a-dia no que

continuamos estudando e experimentando como pessoas que adotaram o teatro como opção de vida questionadora e investigadora da própria existência humana, através desta milenar manifestação cultural do ser humano. (In: MACEDO, Agostinho Domingos Bizinoto, 2008, PREFÁCIO do livro acima mencionado; página não numerada, antes do Sumário, escrito por Ronaldo Adriano Freitas Lima).

1.3. COMEÇANDO SEM ESPAÇOS FÍSICOS E SEM EQUIPAMENTO TÉCNICO E INESTIMENTOS

A primeira apresentação de teatro de uma produção, *A Chuva de Sorrisos*, de Pascoal Lourenço, feita em Alta Floresta por Agostinho Bizinoto e Elisa Gomes, foi com crianças que nunca tinha participado de uma peça teatral, uma delas com apenas 5 (cinco) anos de idade, aconteceu no salão paroquial – barracão de madeira – que ficava na avenida Ariosto da Riva, esquina com avenida do Aeroporto (atual avenida Jaime V. Campos), onde os ensaios geralmente também eram realizados. Esse evento foi uma espécie de preâmbulo para a formação de um grupo que até então não se sabia qual seria sua denominação e nem qual modelo de gestão ele teria. Afinal, nesse trabalho, de adultos, só tinham os dois e que contavam com a compreensão das famílias dessas crianças, mas que também não tinham experiência em teatro, mas foram determinantes para ajudar a fazer figurino e outras coisas na área de produção, e também tiveram apoio de alguns remanescentes do teatro que já era feito esporadicamente em Alta Floresta.

Na continuidade das atividades do grupo, e por muitos anos após sua formalização e fundação juridicamente, quanto aos locais para apresentações sempre se ajeitava, ora num clube, ora numa danceteria, mas a grande dificuldade era manter as reuniões e ensaios num mesmo lugar isso gerava um grande transtorno para o grupo. Sempre, por um motivo ou outro, precisava sair à procura de um novo local para o grupo se encontrar. Passou-se por um período que os encontros da equipe de teatro eram itinerantes utilizando também as casas dos fazedores de teatro. Um grande número de reuniões e ensaios eram também feitos num prédio de madeira que tinha somente dois cômodos pequenos sendo que numa das salas funcionava a Biblioteca Pública Dr. Rui Ramos e na outra a Secretaria Municipal de Cultura e Esporte. Essa casinha, já destruída, ficava entre os setores A e C (área verde denominada ECL/AC), com entrada pela avenida Ariosto da Riva, local onde atualmente funciona o Museu Natural de Alta Floresta pertencente à

UNEMAT. Devido a carência absoluta de espaços para as atividades teatrais, começou-se, em 1990, a luta pela construção de um prédio público cultural, ou seja, um Centro Cultural do Município. Na época, atendendo ao apelo dos fazedores, a Prefeitura Municipal, na gestão do então prefeito Eloi Luiz de Almeida (1989/1992), através da FUNARTE, bancou a viagem e estadia do arquiteto cenotecnista Carl Von Hauvenchild, da URPLAN de Salvador/BA, para fazer os levantamentos necessários para a elaboração de um projeto para uma obra dessa natureza, numa área que já estava destinada legalmente para este fim, que seria exatamente na acima mencionada ECL/AC. Isso foi feito, o projeto piloto elaborado, mas, infelizmente, se perdeu no tempo por falta de continuidade das administrações públicas subsequentes. O mesmo aconteceu com uma sede administrativa cultural que chegou a começar sua edificação onde hoje é o Sindicato dos Funcionários Municipais de Alta floresta – SISPUMAF, próximo ao Tiro de Guerra. Esta obra iniciou-se numa espécie de mutirão das pessoas envolvidas com várias entidades artístico-culturais de diversas modalidades que já existiam na época. Foi criada a Fundação Cultural de forma planejada, registrada em cartório para receber a escritura do terreno, o que de fato aconteceu, mas também não foi terminada e nem a Fundação Cultural foi efetivamente implantada administrativamente. Mais uma vez tudo ficou perdido.

A secretaria do setor cultural funcionou também numa sala (sala 6) alugada num prédio situado à avenida do Aeroporto número 135, depois foi para a rua B, 44, e, em 1998, foi para a rua F, 555, mas também não permaneceu neste local por muitos anos. O departamento de cultura, que sempre cedia seu espaço físico para os grupos culturais, mudou-se novamente, desta vez para uma sala nas dependências do ginásio de Esportes. Vale ressaltar que o Lions Clube teve uma importância muito grande no apoio aos grupos de teatro locais e de outras localidades cedendo suas dependências por muitos anos para ensaios e apresentações teatrais, inclusive construiu um palco que não constava em seu projeto arquitetônico inicial para atender a categoria.

Quando a então Secretaria de Cultura, Meio Ambiente e Turismo foi para a rua F, 555, setor F, fez-se a adequação (parceria entre Prefeitura e Movimento Teatral) de um antigo depósito de material para construção, aos fundos do prédio, de modo modesto e improvisado, de um espaço para ensaios e apresentações

cênicas. Muitos eventos culturais municipais, regionais e até mesmo estaduais aconteceram nesse espaço. Com a alegação da necessidade do local para outras atividades e projetos, a Administração Municipal desmontou o que era chamado de Teatro de Bolso da rua F e o pessoal de teatro voltou à estaca zero. Mas a luta continuou. Após nove meses perambulando novamente, buscando espaços físicos para seus encontros, o Teatro Experimental, desta vez fortalecido com a união de outros grupos de teatro, fundou a ATE – Associação Alta-florestense de Teatro (09/03/2002), a qual consegue um novo local para atuação teatral e propõe uma parceria com a Prefeitura Municipal, que passa a pagar o aluguel do espaço. Um grande mutirão com a participação de todos os grupos, coordenado pela ATE, coloca o espaço em condições de uso e devidamente adequado para ensaios e apresentações cênicas, denominando-o de Teatro Oficina, situado na rua do Araújo, 28. O nome foi dado em homenagem ao histórico e importante Teatro Oficina, de São Paulo.

O sonho do pessoal de teatro, iniciado em 1990, que Alta Floresta tivesse um espaço físico para desenvolver atividades e apresentações artístico-culturais não foi deixado de lado e, por persistência nesta luta, foi construído o tão almejado Centro Cultural de Alta Floresta quase 20 anos depois, no centro da cidade, na praça denominada Praça da Cultura, onde também foi colocado o primeiro patrimônio histórico-cultural do município, o avião Douglas DC-3. Este espaço começou a ser ocupado em definitivo em 2009, embora até os dias de hoje sua Sala de Espetáculos ainda não foi devidamente equipada e adequadamente aparelhada para as apresentações cênicas, porém já foi palco de grandes eventos artístico-culturais locais, regionais, estaduais e já recebeu também espetáculos de várias localidades brasileiras. O teatro foi o principal movimento que influenciou na existência desse Centro Cultural que é público e pertence a toda sociedade alta-florestense sob a administração da Prefeitura Municipal.

Foi interessante a evolução cenotécnica dos grupos de teatro, iniciando com o Teatro Experimental de Alta Floresta. No início não existiam equipamentos técnicos para som e luz dos espetáculos e nem pessoas habilitadas para operá-los. Tudo acontecia na base da criatividade e improvisação. Uma caixa de madeira foi construída com alguns interruptores e dimmers daqueles redondos usados para controle de intensidade de luz, foi construída, a partir de uma bem antiga que foi

usada no Grupo Teatral Erectéion de Uberlândia/MG, grupo que participavam Agostinho Bizinoto e Elisa Gomes antes de virem para Alta Floresta. Várias caixinhas de madeira foram confeccionadas, forradas por dentro com papel alumínio, bocais em seus interiores para colocação de lâmpadas comuns, papel celofane para efeitos de cores e isso ia resolvendo a iluminação dos espetáculos. Para executar a trilha sonora, os próprios integrantes do teatro emprestavam aparelhos de som doméstico, e as trilhas sonoras eram gravadas em fitas cassetes com uma música ou efeito sonoro em fitas separadas para facilitar na operação da sonoplastia. E assim funcionou por cerca de onze anos.

Para operar essa verdadeira parafernália que foi construída com uma enorme quantidade de fios comuns que se conectavam de acordo com o plano de luz que era possível fazer, o primeiro a se interessar pela técnica foi Edegar Savariz que atuou como montador do equipamento e operador de som e luz por muitos anos consecutivos. Depois surgiu José Prates Coutinho Filho que também deu grande contribuição neste sentido.

Muitos outros trabalharam em áreas técnicas, dentre eles, Everson Luiz Tiso como figurinista, cenógrafo e aderecista; Arnaldo Batista da Silva como cenógrafo e aderecista; Cleves Pinto de Almeida como cenógrafo e aderecista; José Mendonça da Silva (Bonança) como operador de som e luz; José Antônio Arisi (Bugre) como figurinista, maquiador e aderecista; Ronaldo Adriano como sonoplasta, iluminador e operador de som e luz; Elenor Cecon Júnior como maquiador e figurinista; Anderson Flores como aderecista; José Ricardo Ozólio como cenógrafo, aderecista e sonoplasta; Antônio Gonçalves Franco como cenógrafo e aderecista. As costureiras Edith Spagnollo, Aurora Zambrini, Terezinha Freitas Lima e Stella Palim.

Em 1999, através de projeto apresentado ao estado pela Lei Estadual de Apoio e Incentivo à Cultura, o teatro de Alta Floresta conquistou o seu primeiro equipamento de som e luz para teatro e, a partir de então, não parou mais de evoluir neste sentido, renovando e atualizando sua estrutura técnica até os dias de hoje.

1.4 O INFLUXO DO TEATRO NO PODER PÚBLICO

Em 03 de janeiro de 1989, já trabalhando como Diretor de Cultura do

Município (depois nomeado como Secretário Municipal de Cultura e Esporte), Agostinho Bizinoto apresenta aquela que, talvez, tenha sido a primeira proposta para que a secretaria levasse à discussão com os grupos que existiam na época e quaisquer pessoas da comunidade, com o objetivo de se chegar a um planejamento da gestão pública para o setor cultural. Nessa prévia, os principais itens elencados foram: fazer um levantamento urbano e rural (censo/diagnóstico) de indivíduos e coletivos que estavam em atividades no município ou que participavam de algum movimento artístico-cultural em seus locais de origem; aproximar dos órgãos estaduais e nacionais para conhecer os projetos e programas que eram desenvolvidos nessas instâncias e verificar a possibilidade de viabilizá-los para o município e região; dar apoio logístico aos artistas de todas as modalidades de manifestações artístico-culturais e estimular a formação de grupos por áreas, visando a formação de um conselho municipal de cultura; promover oficinas de arte, cursos, palestras, estudos, pesquisas, reuniões, encontros, seminários, conferências etc, com fins de melhorar a qualidade das produções artístico-culturais; organizar conjuntamente – poder público e comunidade – os eventos propostos bilateralmente; dar continuidade ao FESCAF – Festival da Canção de Alta Floresta criado em 1981 e de outros já existentes no município; viabilizar a realização de exposições e feiras itinerantes ou permanentes dos trabalhos artesanais, entalhes em madeira, artes plásticas, bem como mostras periódicas de artes cênicas (teatro, dança e música); promover concursos de incentivo literário juntamente com os estabelecimentos de ensino e escritores da comunidade; despertar a sensibilidade dos comerciantes e empresários para empreendimentos culturais; pugnar pela instalação de um centro cultural para abrigar as atividades culturais de iniciativa pública e de entidades artístico-culturais; desenvolver com assiduidade projetos culturais com crianças e adolescentes – estudantes ou não; estudar, pesquisar e acompanhar a história do Município de Alta Floresta, bem como despertar o interesse e atenção com relação ao Patrimônio Histórico-Cultural; apoiar os grupos interessados em se constituírem juridicamente como entidades artístico-culturais; criar espaços alternativos para as mostras de produções de todas as modalidades; incrementar um processo de intercâmbio artístico-cultural com outros municípios e regiões do estado; conseguir através da administração, comércio, promoções ou por outros meios, um palco móvel (desmontável) e equipamentos cenotécnicos básicos para apresentações cênicas em escolas, salões, clubes e outros espaços não convencionais tanto no

perímetro urbano como no meio rural; continuar a manutenção e apoio à Fanfarras Municipais; formar, por iniciativa do poder público, um coral municipal de Alta Floresta com adultos e, se possível, um coral infantil. Desta proposta surgiu a ideia de se realizar constantes reuniões com os artistas e produtores culturais da época e a iniciativa de se realizar os encontros municipais de cultura que foram de fundamental importância para o aglutinamento das pessoas mais diretamente envolvidas com as artes e interessadas na cultura do município. Nesses encontros, o pessoal da área teatral já comparecia e participava com um maior número de pessoas.

1.5 O TEATRO PROVOCA O INÍCIO DA CRIAÇÃO DE LEIS CULTURAIS NO MUNICÍPIO.

De 1989 a 1992, esse movimento ganha força e influencia algumas ações do poder público, tendo à frente os fazedores de teatro, sendo considerado o período da implantação da primeira gestão pública de cultura, resultando em decisões de relevância para o processo da evolução artístico-cultural no município. A Administração Pública, na época tendo à frente o segundo prefeito de Alta Floresta eleito pelo povo, Eloi Luiz de Almeida, nomeia como diretor de cultura e, logo em seguida como Secretário de Cultura e Esporte o teatrólogo Agostinho Bizinoto, sendo que a autora dessa monografia, também atuante na área teatral, já trabalhava nessa secretaria desde janeiro de 1988. O apoio do poder nesses quatro anos foi decisivo para o fortalecimento da categoria. Nesse período, o pessoal de teatro começa a ser ouvido também pela Câmara Municipal, fazendo surgir a Lei Municipal de Apoio e Incentivo à Cultura e ao Esporte (Lei 287/90), regulamentada pelo Decreto 106/91 e ainda implantado o Conselho Municipal de Cultura (Lei 290/1990, modificada pelas leis 425/92 e 1226/2003, sendo que a que está em vigência atualmente é a Lei Municipal 1499/2006) e acatando sugestões desse conselho, a Seção que tratava “Da Cultura” na Lei Orgânica do Município foi, dessa forma, amplamente modificada adotando todas as propostas apresentadas pelo movimento artístico-cultural que crescia e rapidamente passava a ocupar “status” de relevância na sociedade alta-florestense e nos órgãos de comunicação, principalmente por meio do Conselho Municipal de Cultura, um dos pioneiros nos municípios mato-grossenses, formado por representantes de todas as modalidades

de expressão artístico-culturais existentes no início na década de 1990, que passou a ser um espaço de participação democrática para discutir e traçar diretrizes para as políticas públicas de cultura no município, especialmente para o desenvolvimento de projetos, programas culturais e elaboração dos planos de ação por parte da gestão pública no setor da cultura a partir de então.

Na Lei Orgânica do Município que constavam apenas 3 (três) vagos artigos sobre a cultura, foi modificada de acordo com proposta apresentada pelo movimento artístico-cultural da época, tendo à frente das discussões e elaboração dessa propositura o pessoal da área teatral sob coordenação da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte que, ao meu ver, pela importância e efeito que produziu este documento nas relações entre o poder público e entidades artístico-culturais na implantação e desenvolvimento de políticas públicas de cultura a partir de então, justifica-se aqui ser transcrito na íntegra como ficou a Seção “Da Cultura” na mencionada Lei, uma vez que ficou com o teor exatamente como fora enviado à Câmara Municipal de Vereadores:

Seção XI - Da Cultura

Art. 119. É dever do Município, promover a cultura e garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e, para tal, incentivará, valorizará e difundirá as manifestações culturais da comunidade alta-floresntense, devendo, sobretudo:

I – preservar os seguintes bens materiais e imateriais

- a) arqueológicos e documentais;
- b) ecológicos;
- c) espeleológicos relacionados com a história, memória e cultura do Município.

II – Garantir o efetivo acesso da população aos mais diversos bens e manifestações culturais, em atenção às suas aspirações materiais e espirituais.

III – Apoiar e incentivar as mais diversas formas de produções culturais sejam elas artísticas, científicas e tecnológicas.

IV – Promover a articulação entre Estado e a União, com o objetivo de captar recursos junto a órgãos e empresas para mobilização das ações culturais e edificação de espaços físicos para a prática cultural, bem como atender reivindicações artísticas no tocante ao apoio técnico em todos os aspectos.

V – Adotar incentivos fiscais para empresas do Município de caráter privado que contribuírem com as produções artístico-culturais e na preservação do Patrimônio Histórico do Município.

VI – Assegurar junto aos órgãos públicos (Executivo, Legislativo e Judiciário) uma política de preservação do conjunto documental, com vistas a garantir sua integridade para o resgate e registro da história e memória do Município.

VII – Desenvolver as funções inerentes ao Arquivo Público Municipal em todos os aspectos, bem como apoiar instituições que tenham finalidades congêneres.

VIII – Promover ou apoiar, através de programas culturais e projetos, a integração das instituições de ensino com entidades, empresas e órgãos culturais, assegurando-lhes a manutenção de suas atividades técnico-administrativas, bem como espaços próprios e adequados.

Art. 120. A cultura é uma produção do ser humano que, por sua vez, é produto e portador da Cultura. Cabe ao Município proteger, ampliar e desenvolver, por todos os meios ao seu alcance, o crescimento e a difusão da cultura, que pressupõe políticas e programas de apoio e de promoção direta ou indireta ao talento criativo que interessam ao indivíduo e à coletividade, e fortalecendo a identidade nacional, preservando e defendendo nossa memória histórica e o aumento crescente da autonomia cultural da nação.

Parágrafo Único – A produção e o consumo da cultura são totalmente livres de controles externos e de censura ideológica ou política.

Art. 121. Os arquivos históricos serão ativados para funcionar como centros de pesquisas, de proteção e de exibição de documentos. O Município promoverá a organização de serviços paleográficos, de fichário e de tombamento acessíveis à comunidade, e ao trabalho amador e científico de reconstrução histórica.

Art. 122. Os traços ou complexos culturais que caibam no artigo anterior ou que possuem caracteres específicos de colecionamento, preservação e exibição como artefatos, esculturas, gravuras, pinturas, serão expostas ao alcance do público em condições confortáveis e atraentes que favoreçam a sua observação, estudo e reprodução com fins de prazer estético, pedagógico ou criativo.

§ 1º - O Poder Público poderá adquirir de particulares obras artísticas e de outras naturezas culturais, uma vez justificada e comprovada sua relevância para a historicidade do Município, passando a pertencerem ao patrimônio público.

§ 2º - Todas as manifestações populares entendidas como artísticas, culturais ou artístico-culturais que possam ser exibidas de forma organizada, encontrarão apoio ativo do Município como serviço público de interesse coletivo.

Art. 123. Todos os serviços públicos que visam produção, conservação e difusão da cultura devem ser postos também ao alcance direto dos estratos mais pobres da população. Serão organizadas bibliotecas, seções de museologia e exibições especiais de caráter itinerante por todo o Município com especialistas e técnicos aptos a explicar o sentido das atividades em questão.

Art. 124. É facultativo ao Município:

I – firmar convênios de intercâmbios e cooperação financeira com entidades públicas e privadas para prestação de serviços, orientação e assistência na criação e manutenção de bibliotecas públicas e atividades artístico-culturais do Município;

II – promover, mediante incentivos especiais ou concessão de prêmios e bolsas, atividades, concursos e estudos de interesse local, de natureza artística, científica, ambiental ou socioeconômica.

Art. 125. O Município, em colaboração com a comunidade, protegerá o patrimônio cultural – material e imaterial – por meio de inventário, tombamento e repressão em casos de danos e ameaças a este patrimôni.

Parágrafo Único – A Lei disporá sobre as multas para os atos relativos à evasão, destruição e descaracterização de obras de arte e de outros bens de interesse histórico, artístico, cultural e ambiental, sendo seus valores adequados aos custos de recuperação, restauração e reposição do bem extraviado ou danificado.

Art. 126. O Poder Público elaborará e implementará, com a participação e cooperação da sociedade civil, plano de instalação de centros culturais no meio rural e bairros do Município.

§ 1º. O Poder Público poderá celebrar convênios, atendidas as exigências desta Lei Orgânica, com órgãos e entidades públicas, sindicatos, associações de moradores, produtores culturais, entidades artístico-culturais e outras entidades da sociedade civil para viabilizar o disposto neste artigo.

§ 2º. Junto aos centros culturais e locais conveniados, serão instaladas bibliotecas e oficinas ou cursos, tais como: artes plásticas, artesanato, teatro, dança e expressão corporal, música, cinegrafia, literatura, fotografia, dentre outros, além de outras expressões culturais e artísticas, incluindo as culturas indígena, negra e folclórica.

Art. 127. É dever do Município manter casas de espetáculos para utilização de todos os grupos culturais, sem discriminação, mediante regimento interno específico de ocupação funcional, aprovado pelo Conselho Municipal de Cultura.

Art. 128. Os eventos artístico-culturais ou de relevância cultural para o Município, terão apoio incondicional do Poder Público, podendo ser oficializados através de Lei Municipal.

1.6 GRUPOS DE ALTA FLORESTA E DE COLÍDER VÃO PARA EVENTO ESTADUAL

Com apenas dois anos de existência da movimentação teatral no norte mato-grossense de maneira organizada e com diretrizes de continuidade já mais ou menos definidas, iniciando em Colíder em 1987 e em Alta Floresta em 1988, os grupos de Alta Floresta e de Colíder são convidados para o V Congresso da Federação Mato-grossense de teatro (o presidente da federação era, nessa época, Amauri Borges). Não sabiam ainda nada do que acontecia na federação estadual de teatro e se surpreenderam com a primeira indagação no início daquele congresso, pois a primeira questão em pauta era se a federação continuaria ou não a existir! A reação dos grupos do Norte de Mato Grosso foi imediata, ou seja, porque foram chamados de tão longe e pela primeira vez para um evento estadual e, ainda sem conhecerem o movimento federativo estadual, teriam que opinar sobre esta questão?!

Isso se deu no mês de maio de 1989 e os grupos do interior resolveram assumir essa entidade ante à perplexidade da situação encontrada nesse primeiro contato com grupos do estado, principalmente da Capital. Renan Dimuriez – ator,

diretor e diretor de teatro – do Grupo Raízes Centro Norte de Colíder assumiu a presidência da FEMAT neste V Congresso da federação, realizado em Cuiabá, com a aprovação de todos os congressistas que acharam por bem que realmente a diretoria ficasse no interior do estado por algum tempo, mesmo porque o movimento federativo estava praticamente falido. No mesmo ano, ainda no primeiro semestre, aconteceu um Seminário da federação em Colíder, desta vez já com um número expressivo de grupos de várias regiões do estado e alguns remanescentes da capital. Neste seminário os grupos recém-chegados à federação começaram a conhecer um pouco sobre a federação e aprovaram um plano de ação com o objetivo de revitalizar o movimento teatral no âmbito estadual, ou seja da FEMAT (na época FEMATA) e foi aprovada a realização de um evento que foi denominado de Oficínio, com duração de dez dias, em outubro do mesmo ano, em Alta Floresta, aberto a todos os grupos interessados pelo teatro mato-grossense que estavam em atividades ou não na época. O evento aconteceu numa escola agrícola a 25 km distante da sede do município, num estabelecimento rural que tinha a denominação de ERPAF – Escola Rural Produtiva de Alta Floresta, local onde os participantes ficaram convivendo diuturnamente durante todo o evento.

Cerca de sessenta fazedores de teatro participaram desse Oficínio, cujos resultados foram decisivos para um novo momento da história do teatro de Mato Grosso e, principalmente para os grupos do norte do estado. O Oficínio foi ministrado com competência por Carlos Roberto Ferreira (Carlinhos Ferreira) e Luiz Carlos Ribeiro, ambos de Cuiabá, os quais são sempre lembrados quando se comenta sobre a história do teatro em Alta Floresta e no norte de Mato Grosso, pois, a partir desse evento, desencadeou efetivamente todo o processo do fazer teatral na região.

Naquela ocasião, o ator, autor e diretor de teatro, Amauri Tangará (atualmente também cineasta) fazia uma tournée pelo estado com o espetáculo Cafundó – Onde o Vento faz a Curva, acompanhado pela produtora e técnica Tati Mendes, estava em Alta Floresta e, gentilmente, foi até o local do evento e brindou os oficinantes com um extraordinário bate-papo sobre teatro e suas experiências ao longo de sua carreira até aquele momento. Carlinhos Ferreira e, na sequência o Grupo Folhas de Cuiabá, do qual participavam Justino Astrevo Aguiar, Lioniê Vitória, Tadeu Leal, Paulinha, Juliana Capilé e os técnicos Lourival e Nei Cartaxo, deram

uma contribuição muito grande para os grupos de Alta Floresta, vindo ao município por várias vezes para apresentações teatrais, realização de oficinas de teatro e participação em eventos da categoria. Justino e Lioniê são os que tempos mais tarde formaram a renomada dupla de comediantes mato-grossenses, Nico e Lau.

1.7 ENCONTROS MUNICIPAIS ANUAIS DE CULTURA E SEMINÁRIOS

Uma das grandes forças adquiridas pelo teatro de Alta Floresta e sua influência no município foi o seu engajamento com todos os segmentos sociais, empresariado e gestões públicas de todas as áreas, principalmente com aquelas de maior afinidade com suas finalidades e envolvimento da sociedade em todos os seus afazeres tanto os desenvolvidos no município como em suas participações noutras localidades. Outro fator de relevância foi e tem sido sua interação com as políticas públicas de cultura nas esferas municipal, estadual e nacional, marcando presença, apresentando suas propostas de ação e dando sua contribuição nos questionamentos sobre o desenvolvimento integral do ser humano em todos os aspectos.

Neste sentido, uma importante iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte com o apoio efetivo dos grupos de teatro foi a implantação dos Encontros Municipais Anuais de Cultura, sendo que o primeiro aconteceu no dia 16 de abril de 1989, envolvendo todas as áreas artístico-culturais e abertos à comunidade em geral. Esses encontros foram realizados ininterruptamente por muitos anos consecutivos e serviram de modelo para outros municípios que também passaram a realizá-los, vários deles sendo organizados pelo pessoal de Alta Floresta convidados para coordená-los noutras localidades do estado. Esses Encontros Municipais de Cultura aconteceram assiduamente no período de 1989 a 1995.

Com o passar do tempo, foram transformados em Seminário Municipal de Cultura com temáticas culturais mais diversificadas e de interesse para toda a comunidade, sendo suas primeiras edições realizadas pela já extinta ATE – Associação Alta-florestense de Teatro, passando, em seguida, a serem promovidas pelo Teatro Experimental de Alta Floresta que realizou sua 10ª edição neste ano de 2014. No formato de seminários de cultura, a abrangência tanto na condição de participantes como palestrantes e integrantes das mesas de trabalho do evento,

passou a ser nacional.

1.8 CRIAÇÃO DOS POLOS DE TEATRO PELA FEDERAÇÃO

Com a proposta de criação dos polos regionais de teatro como apêndices administrativos da Federação Mato-grossense de Teatro, com aprovação deliberada no final da década de 1980, Alta Floresta saiu na frente na organização do PNT – Polo Norte de Teatro e, a partir de 1990 até enquanto existiram esses polos em funcionamento, meados da década de 2000, a sede do PNT, com exceção de uma de suas gestões, cujos mandatos eram de dois anos, foi em Alta Floresta e com a maioria das pessoas do teatro alta-florestense fazendo parte das respectivas diretorias de todas as gestões.

Os polos foram implantados com o propósito de facilitarem e dinamizar as ações da FEMAT, sendo que uma de suas atribuições era realizarem, uma vez por ano, uma mostra de teatro em sua respectiva área de abrangência, com intuito de avaliarem e selecionar espetáculos para comporem a programação do Festival Mato-grossense de Teatro. Na região norte as mostras eram realizadas todos os anos, independentemente se o festival estadual fosse realizado ou não, mesmo porque elas eram consideradas, segundo os “teatreiros” do norte mato-grossense, bastante contributivas para o crescimento teatral regional e troca de experiências entre os grupos, provocando ainda o debate sobre as diferentes linguagens cênicas, capacitações por meio de oficinas de teatro ministradas paralelamente às apresentações, envolvimento das comunidades onde eram realizadas e formação de público. Já nas primeiras mostras regionais promovidas pelo PNT, o maior volume de produções que se inscreviam era de Alta Floresta.

1.9 MOSTRAS RELIZADAS NO POLO NORTE DE TEATRO

Alta Floresta foi um dos poucos municípios de Mato Grosso que realizou na década de 1990 Mostras Municipais de Teatro, especialmente nos anos em que o volume de produções dos grupos era significativo. Das mostras regionais organizadas pelo PNT – Polo Norte de Teatro criado a partir de 1990, os grupos de

Alta Floresta tiveram importância fundamental em sua estruturação e marcaram presença com apresentações teatrais e na participação de oficinas, palestras e de outras atividades que elas proporcionavam. As primeiras, bem como a maioria delas, por força de estrutura e uma maior presença de pessoas do teatro alta-florestense nas diretorias do polo, aconteceram em Alta Floresta, uma vez que os grupos locais já tinham conquistado também uma maior quantidade de apoiadores para esses eventos não somente do setor público como na privada (comerciantes e empresários). Outro fator que atraía a realização dessas mostras para Alta Floresta era um crescente público que se formava para o teatro, além do envolvimento com as escolas.

Nas primeiras mostras ainda eram poucos os grupos que participavam, sendo praticamente os de Alta Floresta e Colíder, mas graças às ações implementadas pelas novas diretorias da federação e ações perseverantes dos dirigentes do Polo Norte de Teatro, a partir de 1989, com a participação efetiva e eficaz do teatro de Alta Floresta, a cada ano a quantidade de grupos foi aumentando rapidamente e, conseqüentemente, o número de pessoas que delas participavam, inclusive, Alta Floresta passou a sediar também vários eventos de abrangência estadual.

Na V Mostra de Regional de Teatro, realizada em Alta Floresta de 14 a 17 de maio de 1998, além dos vários grupos que já existiam no município, a mostra contou com a participação de grupos de Sinop, Sorriso, Juína e representantes de grupos de muitos municípios da região norte, uma vez que, como essas mostras não eram programadas somente para apresentações teatrais, os grupos que não tinham espetáculos para serem apresentados, podiam inscrever 3 (três) pessoas para representa-los no evento e participarem de todas as outras atividades, geralmente reuniões, oficinas de teatro, debates, palestras, discussões e apresentação de propostas para a política teatral da região e do estado etc.

A VI Mostra, realizada de 14 a 16 de maio de 1999, sediada também em Alta Floresta, contou as seguintes apresentações teatrais: *A Chuva de Sorrisos*, apresentada pelo Grupo Teatral da Escola Estadual Vitória Furlani da Riva de Alta Floresta; *A Idade do Sonho*, pelo Grupo da Escola OESP de Sinop; *O Pecado Imortal* pelo Teatro Experimental de Alta Floresta; *Balada para Diagnosticar Demente 1 ½* pelo Grupo Notredame de Sorriso; *Te Amo Amazônia* pelo Grupo da

UNEMAT de Sinop. Nesta mostra, por sugestão dos grupos de Alta Floresta, foi apresentado um questionário para que os representantes de grupos diagnosticassem a realidade teatral de seus respectivos municípios em diversos aspectos, desde quantos grupos existiam, qual avaliação que faziam da Federação Estadual de Teatro naquele momento, como se relacionavam com suas comunidades e com o poder público, as formas de manutenção dos grupos, as principais dificuldades que encontravam, dentre outras relacionadas ao teatro na localidade que residiam. O Polo Norte de Teatro extraiu das respostas que foram apresentadas um documento tanto para traçar novas diretrizes de ações para a região norte mato-grossense como repassar informações para a federação estadual.

No ano seguinte, 2000, a VII Mostra Regional de Teatro, cuja direção do PNT era totalmente formada por pessoas do teatro alta-florestense, sendo Agostinho Bizinoto, Elisa Gomes e Ronaldo Adriano, a cidade/sede também foi Alta Floresta e o número de participantes cresceu surpreendentemente, chegando a quase 160 (cento e sessenta) pessoas de teatro e sua duração também foi para uma semana de atividades. Nessa mostra o então Secretário de Estado de Cultura, sr. Jurandir Antônio Francisco, também marcou presença no evento. As peças apresentadas foram: *Diferença Social* (Grupo Teatral Nova Geração de Peixoto de Azevedo); *Fragments de Pessoas* (Grupo Universitário UNEMAT de Sinop); *Bateia* (Cia. Skambal de Teatro de Alta Floresta); *O Marido do Dr. Pompeu* (Grupo de Teatro Albert Sabin de Sinop); *Seis Bichos à Procura de Uma História* (Grupo Teatral Fazendo e Aprendendo de Alta Floresta); *Corações em Chamas* (Grupo Teatral Eclipsy de Terra Nova do Norte); *A Escada do Sucesso* (Grupo Teatral Coopes/Oesp de Sinop); *O Pecado Imortal* (Teatro Experimental de Alta Floresta); *Chapeuzinho Vermelho* (Grupo Teatral Universitário da UNEMAT de Sinop); *Minha Nora Inglesa* (Teatro Experimental de Alta Floresta).

E assim, o teatro alta-florestense não somente influencia e converge a sociedade local para o teatro como também passa a influenciar na formação do grande movimento teatral no norte do estado, mesmo quando as mostras eram realizadas noutros municípios da região, à frente da coordenação desses eventos sempre estiveram pessoas do teatro de Alta Floresta, como foi o caso da IX Mostra Regional de Teatro realizada na cidade de Sinop, e isso perdurou até a 12ª edição, além de diversos eventos teatrais com apresentações ou não de peças teatrais,

podendo serem citadas, de acordo com pesquisa documental, as cidades de Colíder, Terra Nova do Norte, Juara, Peixoto de Azevedo, Apiacás, Paranaíta, Guarantã do Norte, Porto dos Gaúchos, dentre tantos outros municípios em que o teatro de Alta Floresta esteve presente.

Em 2002, o Polo Norte de Teatro, que tinha como membros administrativos Agostinho Bizinoto (Diretor), Elisa Gomes (Secretária) e Ronaldo Adriano (Tesoureiro), todos do teatro alta-florestense, elaborou e enviou aos grupos que tinha contato no estado, uma carta resultante de uma pesquisa que fizera sobre o teatro mato-grossense no aspecto histórico, com intuito de subsidiar uma melhor compreensão até mesmo sobre as diferentes práticas de se fazer teatro no médio norte e norte de Mato Grosso tanto no aspecto de organização e atividades de grupo com relação à baixada cuiabana como na valorização dos antecedentes da área teatral no estado, pouco conhecida principalmente para os que vieram para Mato Grosso no período de ocupação da região norte, ocorrida basicamente através de empresas particulares de colonização (década de 1970). Sentia-se, naquele momento, a necessidade também de rediscutir o movimento federativo. Esta ação interna dos grupos de Alta Floresta serviu de referência para reflexão de vários grupos que estavam atuando em território mato-grossense, mas que, culturalmente, estavam desconectados da historicidade desta modalidade de manifestação artística, cujo papel de Mato Grosso foi relevante para o teatro brasileiro. Num dos trechos desta correspondência, extraída de estudos e pesquisas feitas pelos integrantes de teatro de Alta Floresta e dirigentes do PNT, relatam:

O Teatro em Mato Grosso não começou agora e vale a pena debruçar um pouco em sua rica história construída por pessoas idealistas que nos legaram algo bem maior do que possivelmente somos agora. Ao contrário do que possa parecer, o teatro foi elemento de grande influência do desenvolvimento cultural de Mato Grosso e muito cedo entrou no gosto e nos hábitos da gente da terra, por influência dos portugueses que haviam ocorrido em grande quantidade, à região das Minas.

Segundo relatos do escritor Carlos Francisco Moura, pesquisador do Teatro em Mato Grosso na época colonial, em seu livro “O Teatro de Mato Grosso no século XVIII” assinala que Mato Grosso foi certamente a Capitania onde o teatro teve maior importância social e cultural. E não apenas isto: o estudo do teatro em Mato Grosso trouxe à tona dados e conclusões do maior interesse para a história

geral do teatro no Brasil. O teatro em Mato Grosso surgiu muito antes da fundação da Capitania, vale dizer, em precárias condições e incipientes condições sociais. Pesquisando em várias fontes da história mato-grossense, chegamos à conclusão que no período de 1727 até o último ano do século XVIII são documentadas apresentações de pelo menos 80 peças na Capitania. Basta comparar este total de apresentações registradas por Galante de Souza para todo o século XVIII em todas as restantes Capitanias: menos 50.

O Teatro Profissional – Mato Grosso recebeu, segundo MOURA (1976), no passado, visitas de Companhias de teatro profissional do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entre elas esteve em Cuiabá, em data que não pudemos precisar, a Companhia de Procópio Ferreira. Com a instalação da Fundação Cultural de Mato Grosso (Lenine C. Póvoas – 1º presidente), foi firmado um convênio com o Serviço Nacional de Teatro, mediante o qual algumas companhias profissionais viriam ao Estado, dentro de um programa de “interiorização” do teatro. Assim foi que aqui estiveram as companhias de Rosa Maria Murtinho e Hélio Mendonça, de Chico Anísio, de Jorge Doria, de Cidinha Campos e outros.

O Teatro Amador – A formação de grupos teatrais amadores em Cuiabá e noutras cidades, na década de 1970, Agnaldo Rodrigues da Silva em seu livro “O Teatro Mato-grossense – História, Crítica e Textos”, publicado em 2010 pela Editora UNEMAT, assinala um momento histórico relevante do teatro mato-grossense. Esse movimento foi impulsionado com a fundação da FEMATA – Federação Mato-grossense de Teatro Amador, ocorrida em 21 de Janeiro de 1978, filiada à CONFENATA – Confederação Nacional de Teatro Amador. Com o apoio da Prefeitura Municipal da Capital e do SNT – Serviço Nacional de Teatro, a FEMATA promoveu, em Cuiabá, a I e II Mostra de Teatro Amador nos anos de 1978 e 1979, respectivamente, tendo ainda a municipalidade patrocinado o I Circuito de Teatro Amador, que constou de apresentações em diversos bairros da cidade. Em 1982, existia em Cuiabá, filiados à federação estadual, dez grupos teatrais, a maioria com personalidade jurídica e perfeitamente estruturados: Grupo Sesi Aquarius; Grupo Selva de Teatro; Grupo Teatral Gambiarra; Grupo Pantanal de Teatro; Grupo Teatral Aruanã; Grupo Teatral Carrossel; Grupo Teatral Molière; Grupo Teatral do SESC; Grupo Teatral Dinâmico e Grupo Terra de Teatro Amador. Além desses grupos, existiam, no interior do Estado, os seguintes grupos: Grupo Teatral de Tangará da

Serra – Grutta, Grupo Becker de Teatro da cidade de Barra do Garças; Grupo de Teatro Amador de Rondonópolis e o Grupo Teatral Professora Maria Lacerda da cidade de Santo Antônio do Leverger.

A maioria desses grupos encenaram peças de jovens autores mato-grossenses, os quais muitas vezes participavam também do elenco apresentador. Dentre elas, podemos citar “Amanhã vou embora bem longe” (peça de tema indígena), de autoria de João Batista Cavalcante, do Grupo Selva; “Como Dizia Sócrates”, de Juércio Marques do Grupo Teatral Molière; “Cristo Aqui”, de Joilson Zeferino Rosa do Grupo Teatral Dinâmico; “Maria”, de José Amaury Pereira (Amauri Tangará) do Grupo Teatral de Tangará da Serra; “Eu também existo”, de Luiz Thelmo do Grupo de Teatro Amador de Rondonópolis; “Rio Abaixo, Rio Acima”, de Maria da Glória Albues do Grupo Terra de Teatro Amador. Esses grupos excursionaram por várias cidades do interior do Estado e até mesmo fora de Mato Grosso. O Grupo Teatral da cidade de Tangará da Serra participou, em 1979, de um festival de teatro em Campina Grande, Paraíba, encenando a peça “O Preço”, ocasião em que fez, também, apresentações em várias outras cidades do nordeste brasileiro. O Grupo Teatral Professora Maria Lacerda, da cidade de Santo Antônio do Leverger participou, com seu elenco de danças regionais, da I Mostra de Cultura Popular realizada na cidade do Rio de Janeiro, sob patrocínio do MEC-FUNARTE. O Grupo Terra de Teatro Amador, encenando a peça “Rio Abaixo, Rio Acima”, a qual focaliza o folclore do vale do rio Cuiabá, participou do Projeto Mambembão, promovido pelo Serviço Nacional de Teatro, tendo se apresentado nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Goiânia, com as mais elogiosas referências da crítica nacional.

As atividades teatrais no Estado continuaram acontecendo, porém a federação estadual sofreu uma grande decadência, mais acentuadamente na segunda metade da década de 1980, apesar do esforço de alguns abnegados que ainda acreditavam em sua importância no cenário cultural de Mato Grosso. A partir de 1989, segundo depoimento de Agostinho Bizinoto, na época Coordenador de Cultura de Alta Floresta e presidente do Teatro Experimental de Alta Floresta o interior do Estado foi articulado pelo então presidente da FEMATA, Amauri Borges, para participar da federação, num momento de profunda crise da entidade. Começou então a surgirem grupos de vários municípios interessados em dar

continuidade à existência da FEMATA, tanto que sua diretoria executiva se instalou no interior, fora da capital. Criaram-se os polos, sendo: Polo Central (Cuiabá); Polo Norte de Teatro; Polo Noroeste; Polo Sul; Polo Leste e Polo Médio Norte, com suas respectivas áreas de abrangência. Isso se deu considerando a grande extensão territorial de Mato Grosso. As mostras estaduais passaram para a denominação de festivais, ficando os polos responsabilizados de fazerem mostras regionais uma vez por ano, sempre antecedendo a realização do festival estadual.

Outra deliberação importante nesse período, relatou Renan Dimuriez, presidente da Federação Mato-grossense de Teatro, eleito no V Congresso da FEMATA foi a mudança do perfil dos filiados ao retirar a palavra “amador” da federação, ou seja, passando de FEMATA para FEMAT, entendendo que chegara o momento de aglutinar todos os fazedores de teatro do estado, independente de sua natureza jurídica. Com isso, as discussões, ações e o comprometimento do movimento teatral passaram a ser em torno de “TEATRO” e não nas dimensões de Teatro Amador e Teatro Profissional como era até então.

Importante ressaltar, no caso do Polo Norte de Teatro, a partir de 1989, com a vinda da diretoria da federação para o norte do Estado – presidência em Colíder e outros membros de Alta Floresta – uma série de encontros: seminários e fóruns etc, foram realizados. O primeiro deles em Colíder (1989) – seminário de transmissão de cargos da diretoria -, ocasião em que também foi elaborado um plano bienal de ação, o qual foi quase que integralmente cumprido. O presidente da gestão 89/91 foi Renan Dimuriez, de Colíder.

Desde a criação do Polo Norte de Teatro, Alta Floresta participou de todas as Mostras e Festivais Estaduais de Teatro, dos encontros do Conselho Diretor da federação do estado, formado pelos diretores de todos os polos regionais, e influenciou efetivamente na revitalização do movimento teatral mato-grossense, participando das ações e debates em prol do fortalecimento de políticas públicas voltadas para o teatro.

Nos festivais estaduais competitivos, promovidos pela FEMAT, o teatro de Alta Floresta acumulou, no período de suas participações, uma quantidade significativa de premiações nas mais diversas categorias, mas, em 1997, no VII festival que aconteceu na cidade de Rondonópolis, o teatro alta-florestense viveu momentos importantíssimos, saindo vencedor nas três categorias principais,

ganhando os prêmios de Melhor Diretor, Melhor Atriz e Melhor Ator, conquistado por Agostinho Bizinoto, Elisa Gomes e Ronaldo Adriano, respectivamente, todos do Teatro Experimental, com o espetáculo *A História do Juiz*, de Renata Palotini. Mais uma vez o TEAF e outros grupos de Alta Floresta demonstraram que estavam aptos para representar o município em eventos de uma dimensão maior. As conquistas dos grupos de Alta Floresta em eventos de maior abrangência também foram elementos que muito contribuíram para o fortalecimento do teatro local e de sua influência na sociedade alta-florestense no sentido de valorizar cada vez mais essa arte e se envolver nas atividades teatrais como público e como parceira.

Em 2006, segundo BIZINOTO, quando as diretorias da FEMAT já estavam por alguns anos em outras paragens, o pessoal de teatro de Alta Floresta se afastou da federação e começou a articular novas formas de aglutinar grupos de teatro de várias localidades para intercâmbios nos mais variados aspectos e, já em 2007, criou a mostra de teatro da Amazônia Mato-grossense, transformada no ano seguinte em Festival de Teatro na Amazônia Mato-grossense, tendo com entidade idealizadora e realizadora o Teatro Experimental de Alta Floresta, acontecendo no ano passado, 2013, a sua 5ª edição. Desse festival participam grupos inscritos e selecionados e ou convidados de quaisquer regiões brasileiras.

1.10 O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO, ELEITO NO V CONGRESSO DA ENTÃO FEMATA VEM, EM JULHO DE 1989, VISITAR E CONHECER DE PERTO O QUE ACONTECIA NA ÁREA TEATRAL DE ALTA FLORESTA

Renan Dimuriez, eleito presidente da Federação Mato-grossense de Teatro Amador – FEMATA, em maio de 1989, marca encontro com o pessoal dos grupos de teatro de Alta Floresta e com os trabalhadores da gestão pública de cultura do município, inclusive com a participação do então Secretário de Cultura e Esporte, João Pinheiro, e sua equipe. Nessa visita de trabalho, divulga o plano de ação da federação, suas propostas e comenta sobre a realidade do teatro em Mato Grosso. Em entrevista concedida ao jornal Folha da Floresta, que, atualmente, já não existe mais, o presidente fez algumas importantes declarações sobre o teatro que estava acontecendo na área teatral no interior do estado e a importância de Alta Floresta para o teatro no norte mato-grossense. Primeiramente, comentou sobre a própria

federação e sua eleição à presidência dessa entidade:

Fomos eleitos, recentemente, no V Congresso da Federação Mato-grossense de Teatro, num momento em que ela estava praticamente falida como também já em decadência está a CONFENATA – Confederação Nacional de Teatro Amador que congrega todas as federações estaduais do país, tinha perdido os apoios anteriormente conquistados, com uma federação só no papel, com situação jurídica mal resolvida e sem nenhum crédito moral em virtude do completo abandono em que se encontravam esses movimentos pelos próprios dirigentes dessas instituições. No caso de Mato Grosso, a capital estava deixando a desejar administrativamente e sem poder de articulação dos grupos do estado. Mas no interior as coisas estavam acontecendo, principalmente no norte de Mato Grosso, cujo movimento, neste momento, é um dos maiores do estado, embora ainda seja incipiente, surgido há aproximadamente dois anos atrás, mas veio com muita vitalidade formando diversos grupos e envolvendo muita gente. Os pioneiros do teatro no norte começaram realizando seus trabalhos com muitas dificuldades, sem recursos e sem apoios, buscando por conta própria encontrar meios de desenvolverem suas atividades e realizar suas produções, mas os resultados foram aparecendo rapidamente e ganhou uma força incrível que repercutiu em todas as regiões de Mato Grosso. Diante desse quadro, na eleição da executiva da nova diretoria da federação, a expressão do interior foi superiormente mais forte e consistente, sendo formada com 2 (dois) membros de Colíder, 2 (dois) de Alta Floresta, 1 (um) para Rondonópolis e somente 2 (dois) cargos ficaram na capital. Nossas principais ações a partir de agora estão voltadas para conhecer os grupos que estão em atividades em todo o estado, fomentar a formação de novos grupos no interior visando a descentralização da federação fazendo com que ela tenha representantes em todas as regiões, desenvolver ações que congregam todos os grupos. O presidente se surpreendeu com a área de teatro de Alta Floresta tanto pela garra dos fazedores de teatro como pela quantidade de grupos e de espetáculos que estavam sendo produzidos e ainda pela preocupação em crescerem na qualidade de suas produções. Não foi sem propósito que Alta Floresta foi a cidade escolhida para sediar o primeiro núcleo de teatro nessa nova etapa da federação, mas por ser um município com um movimento teatral que já repercutia em todo o estado de Mato Grosso. Ao contrário de outras regiões, podemos afirmar

que teatralmente o norte do estado está bastante fortalecido e promete grandes avanços e conquistas para o teatro regional, estadual e nacional e, neste sentido, afirmo também que Alta Floresta já está bem à frente de outros municípios. Prova disso é que foi o município escolhido para sediar um grandioso evento que promoveremos ainda neste ano, em outubro, o qual estamos chamando de oficina, pois serão 10 (dez) dias de atividades, uma espécie de curso intensivo de teatro, aberto para pessoas da área teatral de todo o estado de Mato Grosso, cujas inscrições serão feitas diretamente aqui em Alta Floresta, uma vez que os grupos locais estarão à frente dessa organização sob a coordenação geral da diretoria atual da FEMATA.

1.11 OFICINÃO DE TEATRO NO MUNICÍPIO DE ALTA FLORESTA

Um marco importantíssimo nesse período, aberto aos fazedores de teatro de todo o Estado, foi a realização de um oficina com duração de 10 (dez dias (outubro/89), acontecido na Escola Rural Produtiva de Alta Floresta (atualmente extinta), que distava 25 km da sede do município. As oficinas foram ministradas por Carlos Roberto Ferreira e Luiz Carlos Ribeiro, ambos de Cuiabá, sendo que os participantes conviveram diuturnamente (regime de internato) no local, cumprindo uma programação intensa de atividades. Nesse oficina foi proferida e proveitosa palestra (bate-papo) por Amauri Tangará. Nessa mesma época, iniciou-se um entrosamento eficaz e continuado do norte com alguns grupos da capital, destacando-se o Grupo Folhas que comparecia constantemente exibindo suas produções e auxiliando os grupos em oficinas de teatro e outras atividades teatrais. Lioniê Vitório e Justino Astrevo Aguiar (hoje dupla humorística Nico e Lau), Tadeu Leal, Juliana Capilé, Paulinha e os técnicos Nei Cartaxo e Lourival, dentre outros, faziam parte da equipe do Folhas que se apresentava com uma certa frequência nas cidades do norte de Mato Grosso, principalmente em Alta Floresta. Pelas informações obtidas, por muitos anos consecutivos, a peça teatral que circulou numa maior quantidade de municípios, iniciando em 1989, foi “Cafundó – Onde o Vento faz a Curva”, de Amauri Tangará, autor e ator do espetáculo, sob direção de Regina Duarte.

Outro momento de fundamental importância, principalmente para os grupos do interior do Estado e que contou com a maior delegação de Alta Floresta, foi o

grandioso fórum realizado em Nova Xavantina no ano de 1991 (na época, existia lá o Grupo de Teatro do Caruso que depois passou a chamar Grupo Teatral Trazom – Mozart ao contrário - em homenagem ao veterano dançarino Mozart que lá esteve participando desse fórum e abrilhantou o evento com uma belíssima apresentação, vindo a falecer alguns meses depois). Nesse fórum, dentre outros assuntos, discutiu-se sobre a possível criação de uma associação estadual de artistas de teatro, com a intenção de, na sequência, ser instituído o SATED/MT – Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversão do Estado de Mato Grosso; fez-se uma avaliação geral do movimento federativo da época; discutiu-se o relacionamento da FEMAT com o governo do estado e outras instituições; foram repensadas as funções do Conselho Diretor da federação formado pelos dirigentes dos polos; e definido o Plano de Ação para a gestão subsequente. O fórum em Nova Xavantina teve a duração de uma semana de atividades distribuídas entre reuniões, apresentações teatrais e oficinas de teatro.

Dando sequência às ações e atividades da FEMAT, passaram pela presidência da federação, após Renan Dimuriez, 89/91, nessa retomada de organização do movimento teatral de Mato Grosso, Elisa Gomes Machado de Alta Floresta, gestão 92/94, Agostinho Bizinoto de Alta Floresta, 94/95, Lioniê Vitório de Santo Antônio do Leverger, cumprindo um mandato tampão, 95/96, sendo, em seguida, eleito para a gestão 96/98, Carlos Roberto Ferreira de Cuiabá assumiu parte do mandato de Lioniê Vitório e se elegeu para a gestão 98/2000 e, em congresso realizado em Tangará da Serra em junho de 2000, assumiu a presidência Maurílio Fagundes de Rondonópolis, sendo sequenciado por Jurandir Alves da Cunha de Reserva do Cabaçal e novamente a federação começa a se declinar, estando, atualmente, em quase completa letargia.

Com as administrações da federação passando pessoas do interior do estado a partir de 1989 quando a entidade parecia já estar totalmente acabada, na década de 1990 viveu um novo período de grandes realizações, iniciando os anos 2000 com cerca de 43 grupos de teatro em atividades em Mato Grosso, sendo 10 (dez) deles de Alta Floresta.

1.12 GRUPOS ESCOLARES E EM IGREJAS

Com a implantação das oficinas permanentes de teatro implantadas e mantidas pelo poder público, através de reivindicação feita pelos grupos de teatro e as oficinas realizadas em escolas e em espaços religiosos, estas últimas realizadas voluntariamente pelos fazedores de teatro mais experientes na época, destacando-se, dentre eles, Agostinho Bizinoto e a autora desta monografia que também lecionava a disciplina de artes na escola CNEC, alguns estabelecimentos de ensino criaram seus próprios grupos de teatro e se integraram ao movimento de teatro do município e do estado. Nesse período, o teatro alta-florestense amplia seu campo de ação e influencia até mesmo nas divulgações das escolas, especialmente das particulares quando em épocas de realização de matrículas dos alunos, incluindo em suas peças publicitárias o teatro como um dos atrativos para aumentar os seus quadros discentes.

Nas escolas, os principais que surgiram e tiveram grande repercussão local, nas mostras regionais realizadas pelo Polo Norte de Teatro e nos festivais estaduais foram: Grupo Teatral Dito e Feito no Colégio Positivo; Grupo Teatral Expressão na Escola CNEC; Grupo Teatral Fazendo e Aprendendo na Escola Estadual Vitória Furlani da Riva e o Grupo Teatral Boca de Cena na Escola Presbiteriana e em muitos outros estabelecimentos de ensino, mesmo sem formalizar a criação de grupos, as práticas teatrais foram fortalecidas e intensificadas. Nas igrejas se destacaram os grupos ECA – Evangelizando com Arte na Igreja Católica, Grupo Teatral Evangélico na Igreja Presbiteriana Renovada. Surgiram também grupos de teatro nalguns setores e bairros da cidade, sendo considerados os principais o Grupo Teatral Bebê de Criação no bairro Cidade Bela e o Grupo Teatral Luzes da Ribalta no setor Industrial. Todos esses grupos consideravam o Grupo Teatro Experimental de Alta como uma espécie de Grupo-Mãe por sempre estar à frente de novas iniciativas para o teatro no município e fora dele.

1.13 OS 15 ANOS DO TEATRO EXPERIMENTAL: UM GRANDE MARCO

Em 2003, o Teatro Experimental de Alta Floresta comemorou seus 15 anos de atividades ininterruptas com uma extensa programação envolvendo todo o pessoal do teatro alta-florestense. Aconteceram festas envolvendo a comunidade e

várias apresentações teatrais com convidados de outras localidades. Para registrar esse momento da história do grupo, o ator, diretor, comunicador, e com experiência em criar argumentação e roteiros em audiovisual, Renan Dimuriez, foi contratado pelo grupo para fazer um documentário em vídeo do TEAF e a Editora EGM para organizar e publicar um libreto que traz na capa os dizeres “Teatro Experimental de Alta Floresta/MT: 15 ANOS EM CENA – Um Pouco de uma História que Continua”. O documentário, após editado, ficou com 90 minutos de duração e o principal registro impresso traz todas as produções do grupo desde sua fundação até essas comemorações ilustrado com fotos de arquivo do grupo.

Nesse período, dentre outras produções de menor significação, foram catalogadas e registradas nesses documentos 25 (vinte e cinco) peças teatrais produzidas e apresentadas pelo grupo, sendo: *A Chuva de Sorrisos*, de autoria de Pascoal Lourenço sob direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Cláudio José de Freitas, Clélio Eduardo, Raquel Villaverde, Fernando Villaverde, André Villaverde, Rony Araújo e Elisa Gomes; *Seis Bichos à Procura de uma História*, de Oscar Von Pfhul sob direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Clélio Eduardo, Cláudio José de Freitas, Marcos José, Ronaldo Pereira, Everson Tiso e Elder Araújo; *Um Edifício Chamado 200*, autor Paulo Pontes, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Tony Franco, Andréia Zambrini e Elisa Gomes; *Uni Duni e Tê*, de Ângela Lago, adaptação e direção de José Ricardo Ozólio e, no elenco, Ana Paula Dresh, Dorian Ozólio, Ilson Machado, Elder Araújo, José Ricardo Ozólio, Ronaldo Pereira, Carmen Lúcia, Cláudio José e Edemar Savariz; *Nó de Quatro Pernas*, de Nazareno Tourinho direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Arnaldo Batista, Agostinho Bizinoto, Márcia Trindade, Ilson Machado, Cláudio José, Mariá Silva e Carmen Fernandes; *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado, direção de Elisa Gomes e, no elenco, Tony Franco, Ana Paula Dresh, Marcos José, Clélio Eduardo, Carmen Lúcia, Marcos Tiso e Everson Tiso; *A Formiga Fofqueira*, de Carlos Nobre, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes, Perla Bender, Tony Franco e Ronaldo Pereira; *Pluft, O Fantasminha*, de Maria Clara Machado, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes, Ronaldo Pereira, Clélio Eduardo, Jonas Rodrigues, Marcos Tiso e Cláudio José; *Velório à Brasileira*, de Azir Bajur, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes, Clélio Eduardo, Ronaldo Pereira, Everson Tiso, Márcia Trindade, Mariá Silva e José Alesando; *Flicts*, de Ziraldo,

adaptado por Aderbal Filho, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Anderson Hubner, Andressa Seravalli, Carolina Pastorello, Clélio Eduardo, Edvana Rosa, Perla Bender, Luciana Santos, Priscila Ferreira, Ronaldo Adriano e Ronaldo Pereira (participaram também deste elenco nalgumas temporadas de apresentações, Flávia Silvério e Gilson Silvério; *O Caso dos Pirilampinhos*, de Stella Leonardos, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Henrique Kimita, Maria Leonice, Leiner Renata, Flávia Silvério, Ronaldo Adriano, Andressa Seravalli, Elisa Gomes, Mariá Silva, Ronaldo Pereira, Andréia Soares, Marcos Tiso, Reginaldo Silva, Everson Tiso, José Alesando, Gilson Silvério e Joana Paula; *O Rei Solimão e a Rainha de Jabá*, de João Argemiro da Silva, direção de Clélio Eduardo e Everson Tiso e, no elenco, Marcos Tiso, Ronaldo Adriano, Andressa Seravalli, Priscila Ferreira, Reginaldo Silva, Edvana Rosa, Fabrícia Cavalheiro, Henrique Kimita e Flávia Cavalheiro; *Deus Ihe Pague*, de Joracy Camargo, direção de Elisa Gomes e, no elenco, Agostinho Bizinoto, Leonice Cavalheiro, Andréia Soares, Everson Tiso, Ronaldo Pereira, Márcia Trindade, Marcos Tiso, Ronaldo Adriano e Andressa Seravalli; *O Pequeno Príncipe*, adaptação do livro de Saint Exupéry feita por Everson Tiso, direção de Elisa Gomes e, no elenco, Everson Tiso, Ronaldo Adriano, Gilson Silvério e Andressa Seravalli; *Fragmentos de Vida*, texto elaborado coletivamente por alguns integrantes do grupo, organização dramatúrgica de Agostinho Bizinoto que também fez a direção geral deste espetáculo (para direção artística o grupo contratou o teatrólogo Carlinhos Ferreira, de Cuiabá) e, no elenco, Ronaldo Pereira, Claudemir Carvalho, Elisa Gomes, Marcos Tiso, Andréia Soares, Ronaldo Adriano, Andressa Seravalli e Cleves Almeida (participaram também deste elenco nalgumas temporadas, Flávia Silvério, Elisângela Brum, Dayane Nascimento, Elenor Cecon Júnior, Eriberto Müller, Gean Nunes e Ana Paula Tafarello); *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, direção de Ronaldo Pereira e, no elenco, Ronaldo Pereira, Ronaldo Adriano, Elenor Cecon Júnior, Elisângela Brum e Gilson Silvério; *A História do Juiz*, de Renata Palotini, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes, Ronaldo Pereira e Ronaldo Adriano; *Camaleão e as Batatas Mágicas*, de Maria Clara Machado, direção de Elisa Gomes e, no elenco, Eriberto Müller, Elisângela Brum, Danilo Alves, Alberto Zaboti e Elenor Cecon Júnior; *O Pecado Imortal*, de Pedro Bloch, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes e Ronaldo Adriano; *Tem Bicho na Boca do Rei*, texto e direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Ronaldo Adriano, Dayane Nascimento, Nayara Bosi, Fernanda Carlini e

Verônica Bizinoto; *Minha Nora Inglesa*, de Valderez C. Vitorino, direção de Jonas Rodrigues e Ronaldo Adriano e, no elenco, Carol Manarelli, Claudemir Carvalho, Débora Carvalho, Dayane Nascimento, Dayane Falasque, Elenor Cecon Júnior, Eriberto Müller, Fernanda Carlini, Maria Rosa da Riva e Ronaldo Adriano; *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, direção de Ronaldo Adriano e, no elenco, Fernanda Carlini, Eriberto Müller, Thiago Xisto, Dayane Nascimento, Mirian Biazotto, Elicarlo Arroteia, Cláudia Bruno, Claudemir Carvalho, Anderson Flores e Débora Vacaro; *Check-Up*, de Paulo Pontes, direção de Elisa Gomes e, no elenco, Ronaldo Adriano, Elenor Cecon Júnior, Dayane Nascimento, Fernanda Carlini, Eriberto Müller, Anderson Flores e Elicarlo Arroteia. Em algumas temporadas de apresentações deste espetáculo a atriz Dayane Nascimento foi substituída por Débora Vacaro; *Os Saltimbancos*, de Sérgio Bardotti, tradução e adaptação de Chico Buarque, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes, Marcos Roberto Tiso, Nayara Bosi e Elenor Cecon Júnior; *A Filha Da...*, de Carlos Eduardo Filho, direção de Agostinho Bizinoto e, no elenco, Elisa Gomes, Renata Weber, Nayara Bosi e Ronaldo Adriano.

Nesse mesmo período, aconteceram importantes produções de vários outros grupos de Alta Floresta e que participaram de eventos coletivos de teatro tanto em mostras como em festivais, dentre elas se destacaram: *O Garoto que Virou Televisão*, *Aladim* e *A Viagem de um Barquinho* (Grupo Teatral Expressão); *A Chuva de Sorrisos* e *A Árvore dos Mamulengos* (Grupo Teatral Fazendo e Aprendendo); *O Reino das Borboletas Brancas*, *A Colônia*, *O Gato Malhado* e *a Andorinha Sinhá e Viagem ao Coração da Cidade* (Grupo Teatral Dito e Feito); *Vida Urbana e Cordélia Brasil* (Grupo Teatral Bebê de Criação); *A Bruxinha que era Boa e Guerra mais ou menos Santa* (Grupo Teatral Luzes da Ribalta); *O Morto Vivo* (Grupo Teatral Evangélico da Igreja Presbiteriana Renovada); além de produções catequéticas do Grupo ECA – Evangelizando com Arte.

Nas comemorações dos quinze anos do TEAF, todos os grupos se reuniram para comemorarem juntos com os integrantes do grupo aniversariante porque, afinal, foi uma feliz celebração não somente do teatro feito por uma equipe, mas do teatro definitivamente consolidado no município. Mensagens cumprimentando e parabenizando o teatro alta-florestense, através do primeiro grupo efetivamente organizado, fundado como entidade artístico-cultural em 1988, dentre elas, destacamos algumas que foram, inclusive, registradas no libreto editado pela Editora

EGM, em 2003, p. 25.

A FEMAT – Federação Mato-grossense de Teatro se sente orgulhosa neste momento de comemorações dos quinze anos do teatro alta-florestense e manifesta seu reconhecimento por todos os trabalhos que o teatro de Alta Floresta tem prestado em prol do teatro do estado de Mato Grosso. Parabéns pelo 15º aniversário do Teatro Experimental e, principalmente, por ser um dos pioneiros do norte de Mato Grosso. Saudações teatrais aos fundadores do grupo, Agostinho Bizinoto e Elisa Gomes. Jurandir Alves da Cunha – Presidente da FEMAT 2003/2004.

O primeiro trabalho que assisti do teatro de Alta Floresta foi em 1990, ocasião em que conheci Agostinho e Elisa e, desde então, aprendi a respeitá-los pela forma disciplinada e apaixonada de fazer teatro. Parabéns por tudo que vocês têm feito em favor da arte. Flávio Ferreira e Cena Onze de Cuiabá (capital).

Parabéns para vocês que desbravaram o teatro no norte de Mato Grosso, tornando Alta Floresta uma cidade de referência na área teatral tanto no estado como no país. Vocês conseguiram fazer uma cidade que fica dentro da Amazônia Mato-grossense, fora de todos os eixos culturais, tornar-se um polo de eventos teatrais com perseverança e qualidade. Sucessos sempre para vocês, são votos do Grupo de Teatro Albert Sabin de Sinop/MT.

As coisas boas da vida, as experiências positivas, a convivência com os amigos queridos, deixam muitas saudades e é o que sinto ao falar do Teatro Experimental de Alta Floresta, do qual tenho orgulho em dizer que já fui uma de suas integrantes. Por isso, não poderia deixar de parabenizar, nesta data tão importante, as pessoas do teatro alta-florestense pelo grande e verdadeiro sucesso que ele representa para toda a população de Alta Floresta. Abraços a todos. Elisângela Brum, Goiânia/GO.

O teatro alta-florestense vem há quinze anos plantando para a sociedade a árvore vive do teatro, recompondo, através da arte, a floresta que o homem derrubou, queimou, matou, sucumbiu. Carlos Roberto Ferreira. Ator e Diretor teatral e professor de artes. Cuiabá/MT.

O carisma e o calor dos teatros do norte do estado é a fórmula peculiar do Teatro Experimental, que há quinze anos é responsável por fazer pulsar a arte teatral na cidade e região. Este grupo foi e continuará sendo o berço de muitos artistas que serão revelados para o mundo. Um grande abraço a todos do grupo, especialmente à Agostinho e Elisa que souberam implantar um modelo de gestão de equipe de modo crescente e duradoura. Sandro Lucose. Grupo Teatral Mosaico de Cuiabá e, nesses cumprimentos, também representando a Secretaria de Estado de Cultura.

Com este volume de produções do Teatro Experimental de Alta Floresta em apenas 15 anos, sem contar uma grande quantidade de produções feitas também por outros grupos, o teatro foi a modalidade teatral que mais influenciou o município de Alta Floresta formando atores e atrizes, criando um grande público de teatro num município onde a grande maioria dos moradores nunca tinha assistido nenhum espetáculo de teatro, conseguindo que as escolas abrissem as portas para o pessoal de teatro e algumas até mesmo formando seus próprios grupos, sendo que no início dificilmente deixavam até mesmo que os pioneiros do teatro alta-florestense entrassem nas salas de aula para divulgarem os eventos teatrais, conquistando também outras entidades, clubes de serviço, igrejas e atraindo grupos de Mato

Grosso e de vários outros estados para fazerem apresentações em Alta Floresta.

O ator e diretor profissional de teatro, Sandro Lucose da Cia. Teatro Mosaico de Cuiabá, convidado pela Associação Alta-florestense de Teatro para ser um dos avaliadores e oficinairos na X Mostra Regional de Teatro, realizada em Alta Floresta no período de 27 a 31 de maio de 2003, ao retornar para a capital do estado, publica um artigo sobre suas impressões sobre o teatro de Alta Floresta e sua influência no município:

“Teatro de Alta Floresta, o norte sai na frente – Com certeza, Alta Floresta já está na frente dentre muitos municípios do Estado que ainda não descobriram a importância de valorização da cultura local, destacando, neste caso, o incentivo e investimento direto nas artes cênicas. De 27 a 31 de maio último, a cidade de Alta Floresta recebeu grupos advindos dos municípios de Guarantã do Norte, Novo Mundo, Peixoto de Azevedo e Juína, dentre outros, e se juntaram num espetáculo que durou cinco dias, realizando atividades teatrais como oficinas e espetáculos nos três turnos do dia, restando apenas de meia noite às seis da manhã para o descanso e reposição de energias da galera. Foram seis espetáculos exibidos na mostra, envolvendo cerca de noventa artistas regionais, para uma plateia diária de setecentas pessoas, mais sessões de vídeos, debates e duas oficinas de qualificação teatral, trabalhando um grupo em iniciação teatral e um segundo grupo, mais experiente, trabalhando os fundamentos de interpretação e direção teatral ministrado por mim. São dez anos de realização de uma mostra regional de teatro, mais a existência de dez grupos de teatro na cidade, ligados aos mais distintos aglomerados daquela sociedade, indo de grupos de escolas públicas e privadas, igrejas e à vedete agitadora da vida teatral desta cidade, que é a Associação Teatral de Alta Floresta, sociedade organizada que dá suporte de informação e produção a todos os grupos locais e até da região, fazendo acontecer todos os anos esta mostra teatral. Este ano a mostra contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Alta Floresta, Secretaria de Estado de Cultura e, especialmente, dos comerciantes locais, cuja participação é um fato muito curioso em que os comerciantes compram cotas de ingressos e distribuem aos seus funcionários. Quanto ao nível técnico e estético do que foi levado à cena nesta mostra ainda tem muito a crescer, mas cabe destacar que, naquele contexto, os esboços dos espetáculos candidatos ao Festival Matogrossense de Teatro melhorarão depois da sabatina de oficinas e debates. Já aos grupos como um todo, a eles bastam um intercâmbio mais frequente com profissionais e o contato daqueles artistas com obras dramáticas de autores consagrados que, em pouco tempo, será ampliado o conceito e a visibilidade daquela produção teatral, evoluindo em curto espaço de tempo a prática teatral regional. Face a isto, Alta Floresta, se comparada à capital do Estado, já está à frente de Cuiabá, que não possui uma classe teatral tão articulada, preocupada em formar plateias e com grupos voltados para a formação de uma linguagem. A classe artística de Alta Floresta é tão respeitada a ponto de conseguir a atenção do poder público, que irá construir um espaço cultural com um teatro municipal, fato que evidencia como o teatro pode sedimentar, envolver e melhorar uma sociedade. Como num grande espetáculo, a mostra de teatro teve seu final apoteótico, quando todos os participantes saíram de uma oficina de musicalização, tomando as ruas da cidade e realizando um alegre cortejo teatral, embalado pelo som de percussão feito com o som de latas, tampas de painéis, garrafas plásticas e muita animação que, ao longo do acontecimento em plena avenida, chamava a atenção de todos por onde passava enquanto bradavam – *eu sou mais feliz porque faço teatro, eu sou artista* ou ainda *Alta Floresta tem teatro*. (Jornal Folha do Estado – Cuiabá – Sábado – 7 de junho de 2003 – Página 3A).

A partir de então, com mais maturidade, os grupos continuam com suas atividades e produções, porém, com mais empenho e determinação, segue o Teatro Experimental de Alta Floresta fazendo as montagens de *O Torcedor Fanático*, texto de Rodrigo Rangel, adaptado por Agostinho Bizinoto; O clássico *Édipo Rei*, de

Sófocles, numa adaptação do professor universitário Marcos Coelho do estado do Rio de Janeiro; *Dom Quixote*, texto de José Antônio da Silva (O Judeu) da obra de Miguel de Cervantes, adaptado e dirigido pelo ator, diretor e dramaturgo Horácio Manuel, de Portugal, que veio a Alta Floresta especialmente para este fim e permaneceu por mais de 40 (quarenta) dias trabalhando com o grupo num processo de atividades intensas e montagem deste espetáculo, fazendo parte de um projeto de intercâmbio Alta Floresta/Portugal; *Santa Joana dos Matadouros*, de Bertold Brecht, adaptado pelo grupo por meio de aprofundadas pesquisas, tendo como diretor José Regino do Grupo Teatral Celeiro das Antas, de Brasília.

1.14 O TEATRO DE ALTA FLORESTA E ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO

Pela seriedade, assiduidade e grande movimentação no município que os fazedores de teatro provocavam em Alta Floresta desde o início, principalmente na mobilização de crianças e adolescentes envolvendo também os seus familiares, quase que de imediato chamou a atenção da imprensa em todas as suas atividades internas e públicas, realização de eventos e apresentações teatrais passaram a ter como grande parceira a imprensa local (emissoras de rádio, TV's, revistas e jornais escritos), tanto nos acontecimentos locais como quando começou a ir além do município percorrendo toda a região, em seguida conquistando seu espaço do cenário do estado de Mato Grosso e, finalmente, o engajamento no movimento teatral nacional. Como comprovação desse importante apoio por parte desses órgãos, selecionamos, dentre as publicações na imprensa escrita, algumas notícias e reportagens sobre o teatro alta-florestense:

Teatro - O Grupo Experimental de Teatro de Alta Floresta está em temporada de apresentações itinerantes em várias comunidades rurais, dentre elas, comunidades Santa Glória e na Central, seguindo depois para a comunidade Saleté no dia 26 deste mês. No perímetro urbano, está prevista mais uma apresentação no bairro Cidade Alta. A peça que está sendo encenada é Seis Bichos à Procura de uma História. Uma peça infantil muito interessante, com bom texto, ótimo desempenho dos atores e bom gosto na confecção do cenário e do figurino. Em setembro, o grupo se apresentará na cidade de Colíder com este espetáculo e um adulto denominado Um Edifício Chamado 200. (Jornal da Cidade/AF, agosto de 1989, p. 05).

ED. CHAMADO SUCESSO – O Teatro Experimental de Alta Floresta viveu momentos de grandeza na noite de sábado, 07, na AABB – Associação Atlética Banco do Brasil, quando apresentou a peça teatral Um Edifício Chamado 200, de Paulo Pontes. Sob a direção firme, competente e segura de Agostinho Bizinoto, o

ator Tony Franco e as atrizes Elisa Gomes e Andréia Zambrini deram um verdadeiro show de interpretação, arrancando demorados aplausos da plateia que, em pé, entusiasmada e satisfeita, reconheceu e valorizou o trabalho apresentado pelo Teatro Experimental. Um Edifício Chamado 200 é uma peça gostosa de se ver, descontraída, bem humorada, mas com uma insuspeitável profundidade, pois questiona conceitos e valores muito próprios do Brasil. É o retrato do Brasil atual. Adaptada em algumas partes por Agostinho Bizinoto, mas sem jamais comprometer o seu conteúdo e a mensagem que trazia, a peça fala de coisas bem brasileiras e, conseqüentemente, de Alta Floresta, como o sonho do personagem Gamelão (personagem central) em ganhar na loteria esportiva. Até o sonho desfeito foi narrado com bom humor, classe e sensibilidade. Quem não viu, perdeu, com certeza, o melhor espetáculo teatral apresentado em Alta Floresta neste ano. Tony Franco, Elisa Gomes e Andréia Zambrini estiveram brilhantes, sensacionais. Foram ovacionados pelo público, aplaudidos de pé. Um reconhecimento sincero, espontâneo, da cidade que, assim, dá seu aval definitivo para que o Teatro Experimental prossiga, agora com mais força e vigor, na luta pela massificação dessa arte na capital do teatro do norte do estado e, conseqüentemente, na luta pela construção de uma Casa de espetáculo aqui. Alta Floresta merece e demonstrou que deseja ter um local onde as manifestações culturais mereçam o devido respeito. Na peça Um Edifício Chamado 200 todos se destacaram, tiveram atuações dignas de registro e dos maiores elogios. (Jornal de Alta Floresta – Ano I – 12 a 19 de Outubro de 1989, p. 01)..

O Teatro Experimental de Alta Floresta viajou para Cuiabá (capital) no dia 18 de abril com fins de participar da Mostra Estadual de Teatro Amador, promovida pela Federação Mato-grossense de Teatro Amador, no Teatro da Universidade Federal de Mato Grosso. Três peças teatrais serão apresentadas pelo grupo, sendo: Nó de Quatro Pernas (peça adulta), Uni Duni e Tê (peça infantil) e Um Edifício Chamado 200 (peça adulta), representando o município de Alta Floresta. Nessa mostra será escolhido o espetáculo que irá representar o estado de Mato grosso no FBTA – Festival Brasileiro de Teatro Amador, que será realizado em julho próximo na cidade de Piracicaba/SP. O secretário de cultura do município, João Pinheiro, acompanhou o grupo nesse evento. (Folha Popular – Alta Floresta/MT – 09 a 26 de maio de 1990, p. 01).

Casa de Espetáculos – O arquiteto urbanista, Carl Von Havenchild, que também trabalha com computação gráfica e na área de cenotécnica, alemão que reside há 14 anos no Brasil, em Salvador/BA, especialista que vez ou outra a FUNDACEN – Fundação Nacional de Artes Cênicas chama para prestar assessoria e consultoria técnica, esteve recentemente em Alta Floresta, 24 de abril, para planejar uma Casa de Espetáculos, um Centro Cultural em nossa cidade. Em sua curta estada em Alta Floresta, conversou com políticos, empresários e, principalmente, com artistas e pessoal ligado à cultura numa reunião realizada na Secretaria Municipal de Cultura e Esporte, onde se apresentou. Disse que veio transformar as ambições dos artistas alta-florestenses num projeto de uma Casa de Espetáculos adequada e enquadrada nas características de nossa comunidade. Ouviu detalhada e pacientemente todo que os artistas pensavam e desejavam de uma Casa de espetáculos e anotou criteriosamente as informações que achou interessantes para que depois pudesse dimensionar a obra. Após a reunião com os artistas, o arquiteto Carl concedeu uma entrevista exclusiva à reportagem do Jornal Folha da Floresta, onde afirmou que depois de ser contatado pela FUNDACEN para elaborar um projeto de um Centro Cultural na cidade de Alta Floresta/MT, tentou primeiro encontrar a cidade num mapa do Brasil. Pegou então informações do IBGE sobre o município e, baseado nessas informações, dimensionou uma cidade pequena do interior.

Mas ao chegar aqui encontrou uma cidade bem diferente, com uma sociedade formada por pessoas de diversas regiões do país se enraizando. Uma cidade atípica, com um percentual da população que pensa em arte e cultura relativamente grande, bem acima na média brasileira. E completou: “eu não pensava que existisse uma cidade com o porte de Alta Floresta, que vim conhecer num fim de linha como esse. Isso aqui é uma imagem de uma Amazônia bem diferente do que a gente conhece através dos meios de comunicação”. Com referência à Casa de Espetáculos a ser construída em Alta Floresta, disse Carl, imagino uma construção de porte médio, que atenda não só a capacidade de se produzir arte e aperfeiçoar a cultura, como também a capacidade da população de consumir essa arte e absorver a cultura que será aprimorada e intercambiada nesse Centro Cultural. O padrão cultural urbano da Alta Floresta que conheci me permite dizer que uma Casa de Espetáculo a ser construída aqui deverá ter auditório com palco e Caixa cênica, salas para teatro, artes plásticas, música, fotografia, vídeo e mais algumas coisas relacionadas às artes. Isso será muito importante para a educação cultural desse povo que, pelo que senti, está carente de lazer e que, como o resto da população mundial, tem que vencer desafios de sair da passividade cultural que está gerando diversos vícios sociais e ainda permite a manipulação dos cidadãos que, aconchegados no seu canto, preferem ficar em frente a uma TV que gera consciência programada e pré-determinada, ideias muitas vezes fúteis e que em nada melhoram a nossa condição de vida. Esse projeto do Centro Cultural de Alta Floresta que realizarei depois de catalisar os desejos e ideias dos artistas de Alta Floresta, será o primeiro passo para a captação de recursos que viabilizarão a obra. E, a exemplo da sala Cecília Meireles no Rio de Janeiro, que foi reformada completamente com recursos da iniciativa privada, a Casa de espetáculos de Alta Floresta poderá ser acelerada com a soma de esforços dos órgãos públicos e da classe empresarial alta-florestense, concluiu Carl. (Jornal Folha da Floresta – maio de 1990, p. 03).

Agostinho Bizinoto é Reeleito – Dia 24/11 foi reeleita a nova diretoria do Teatro Experimental de Alta Floresta. A eleição foi conduzida pelo patrono do grupo Ênio Luiz Finimundy, ficando composta com os seguintes membros: presidente – Agostinho Bizinoto (reeleito); vic-presidente – Elder Araújo; Secretário – Clélio Eduardo de Freitas; Tesoureiro – Marcos Tiso; Relações Públicas – Márcia Trindade. Para o Conselho Fiscal foram: Elisa Gomes Machado, Edeimar Savariz e Ronaldo Pereira. A primeira ação dessa nova diretoria será a elaboração do planejamento das produções e atividades do grupo para o período de um ano. No dia 25/11, domingo, o grupo realizou uma festa de confraternização com todos os seus integrantes e alguns convidados, patrocinada pelo empresário Ênio Finimundy, patrono do grupo. (Jornal A Notícia. Dezembro de 1990, p. 03).

Teatro Experimental – Tudo pronto para o início dos ensaios das produções teatrais que o Teatro Experimental de Alta Floresta fará realizar para as temporadas de apresentações deste ano. Devido Agostinho Bizinoto, até então diretor de cultura do município e presidente do grupo ter assumido a pasta da Secretaria Municipal de Cultura, nomeado como secretário em 02/01 um outro integrante do grupo deverá assumir a presidência da entidade. As crianças, jovens e adultos interessados em participar do grupo deverão procurar o Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte, situada à avenida Ariosto da Riva, 3095, para maiores informações. (Jornal da Cidade – 16 a 21 de fevereiro de 1990, p.04).

Alta Floresta na FEMATA – Desde a chegada em Alta Floresta de Agostinho Bizinoto e Elisa Gomes em janeiro de 1988, o movimento de teatro ganhou nova

consistência e passou a desenvolver um trabalho mais eficiente. Prova disso são as constantes apresentações de grupos teatrais em nossa cidade e de nossos atores em diversos pontos do estado. Para coroar de êxito todo este trabalho realizado, no último dia 27 Elisa Gomes, que é a diretora municipal de cultura, foi eleita presidente da Federação Mato-grossense de Teatro – FEMATA. Segundo ela, sua principal meta será levantar todo o movimento teatral do estado e fazer com que ele seja forte e representativo. A diretoria eleita junto com Elisa tem Lourdes Pasini de Colíder como vice-presidente; Agostinho Bizinoto de Alta Floresta como secretário; Márcia de Oliveira Trindade de Alta Floresta como tesoureira; Cláudio José de Freitas de Alta Floresta como segundo tesoureiro; Renan Dimuriez de Colíder como diretor de divulgação; Leo Tadeu de Queiroz de Cuiabá como assessor do interior. Em entrevista à nossa reportagem, Elisa Gomes falou sobre vários assuntos sobre o momento do teatro no estado: “a mostra de teatro realizada recentemente foi excelente já que tivemos grupos de Cuiabá, Colíder e três de Alta Floresta. Durante esse período pudemos avaliar as nossas produções, uma vez que estamos muito distantes da capital. Contamos com a presença do presidente atual da Fundação Cultural de Mato Grosso, José Hugo da Silva Taques, que se colocou à disposição para ajudar a federação. O teatro está progredindo em Mato Grosso, cada vez é maior o número de peças teatrais e cresce também a preocupação com o nível dos atores. Em nossa cidade o apoio que temos tido até o momento é excelente tanto do poder público como dos empresários e, por isso, aproveitamos esta oportunidade pra agradecê-los”. (Jornal da Cidade. 01 a 08 de maio de 1991, p.03).

Num dos trechos da entrevista por este jornal ao término dessa mostra realizada em Alta Floresta mencionada por Elisa Gomes no artigo anterior, feita com o presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, o presidente Hugo Taques comenta que o evento acontece num momento bastante oportuno para todo o estado e diz que o trabalho que está sendo realizado aqui serve de exemplo pra as demais regiões do estado, pois daqui saíram propostas para pensar, refletir e fazer um novo planejamento para o teatro mato-grossense. Disse que assumiu a fundação recentemente e o movimento teatral em Alta Floresta coincide com sua proposta de interiorização das ações culturais, coisa que a gestão que antecedeu a sua não tinha essa preocupação, além de não cumprir com outras de suas funções. “Pelo que vimos aqui, percebemos, com clareza, que os artistas já estão motivados, apresentando boas sugestões e preocupados com um árduo trabalho que deve ser feito pela cultura de todo o estado”, disse também o presidente.

A partir de então, a partir do trabalho iniciado pela diretoria da federação presidida por Renan Dimuriez, eleito em 1989, começa a revitalização do movimento teatral de Mato Grosso e, nesse processo o teatro alta-florestense passa a ser um dos principais protagonistas e influentes na elaboração de novos planos e diretrizes para o revigoramento federativo, iniciando também seu engajamento com o movimento teatral brasileiro. Em outubro do mesmo, 1991, em que fora eleita a nova diretoria, desta vez com a presidência em Alta Floresta, já é articulada a participação

de Mato Grosso no I Seminário Brasileiro de Teatro, realizado em Brasília, conforme relata o Jornal Tribuna do Tapajós – Ano I nº 2 – Alta Floresta - página 07, em sua circulação correspondente ao período de 11 a 25 de novembro de 1991:

Elisa Gomes, presidente da FEMATA, esteve no período de 23 a 27 de outubro em Brasília, participando do I Seminário Brasileiro de Teatro. O Seminário e o Congresso foram dois eventos realizados simultaneamente e de grande importância para todo o movimento nacional de teatro. Representando o estado de Mato Grosso, uma delegação composta por 7 (sete) pessoas, sendo 5 (cinco) com direito a voz e voto e mais 2 (dois) representantes sem direito ao voto nas questões debatidas. Os demais estados brasileiros estavam com delegações com três integrantes cada. Ao todo, 11 (onze) estados foram representados nesses eventos. Em contato com a presidente, Elisa Gomes, ela declarou à nossa reportagem que a federação mato-grossense passou por maus momentos, muitas dificuldades, mesmo quando assumiu a direção, e que este movimento federativo já quase não existia mais. No entanto, com a participação nesses encontros em Brasília percebeu que não foi somente Mato Grosso que passou por essas situações de decadência, mas que hoje Mato Grosso já está com um movimento mais fortalecido que em outros estados como foi dito no congresso de âmbito nacional, com destaque para o norte do estado, estando à frente Alta Floresta, e na região leste, alavancado pelo município de Nova Xavantina. O que foi apresentado sobre as ações desenvolvidas até então em Alta Floresta causaram efeitos bastante positivos em prol de Mato Grosso, em especial pelas ponderações feitas pelos técnicos do IBAC – Instituto Brasileiro de Artes e Cultura. Os temas centrais que nortearam o seminário foram: Massa e Modernidade, Produção Cultural e A Função do Estado com Relação à Cultura. Os assuntos mais debatidos e deliberados em votação pelos delegados foram: a crise do movimento teatral no país, alterações estatutárias e plano de atuação da Confederação Nacional de Teatro Amador, a política cultural no país, além de ser realizada a eleição da nova diretoria da Confenata.

Mato Grosso passa então a viver um novo ciclo de crescimento na área do teatro tanto em quantidade de produções como em qualidade e grandes festivais acontecem com a participação de grupos que vão surgindo de várias localidades do estado, principalmente pelas articulações emanadas de Alta Floresta que, de eleva o número de filiados à federação de 4 (quatro) grupos em 1991 para 30 (trinta) filiados somente na gestão da autora desta monografia, o que faz de Alta Floresta não somente um centro irradiador de produções teatrais como também de relevância como fomentadora na organização de todo o movimento federativo, além de atrair muitos grupos para intercambiar produções, experiências e discussões sobre a política teatral no estado em todos os seus aspectos. Este ciclo de efervescência teatral no estado continua acontecendo até os primeiros anos da década de 2000.

Já em 1992, no decorrer do II Festival Estadual de Teatro, realizado do Teatro da Universidade Federal de Mato Grosso, a imprensa da capital, Cuiabá, destaca a força do teatro do interior do estado que pode ser sintetizada num trecho de uma longa reportagem publicada no jornal Diário de Cuiabá de 27 de maio

daquele ano. “... Este festival traz uma agradável surpresa que é o reavivamento do teatro no Estado, de forma mais sensível no interior. A cidade de Alta Floresta é um saudável exemplo de que há vida inteligente fora dos grandes centros urbanos. São organizados, disciplinados no que fazem e crescem em qualidade a cada ano que nos deparamos com os grupos de teatro daquele município...”

No ano seguinte, ainda sob a organização de eventos, encontros, seminários e reuniões de abrangência estadual com a presidência da Federação continuando em Alta Floresta, o III Festival Estadual de Teatro também realizado na UFMT no período de 19 a 24 de abril de 1993, despertou a atenção de muitas personalidades nacionais da área cultural e do teatro brasileiro, dentre elas o então presidente do IBAC – Instituto Brasileiro de Artes e Cultura, Humberto Braga, que, além de palestrar sobre a realidade das instituições culturais naquele momento, lançou um programa nacional denominado *Mergulho Teatral*. Com relação ao teatro em Mato Grosso comentou que o movimento teatral Mato-grossense estava tomando novos rumos e a passos largos depois da intervenção do interior na condução dos trabalhos federativos e como a FEMAT estava às vésperas de eleição para uma nova diretoria, sugeriu que os dirigentes continuassem sendo do interior, uma vez que os resultados estavam sendo bastante positivos para todo o Estado. Ao avaliar o festival, o diretor do IBAC disse ter ficado surpreso pela federação mato-grossense ter sobrevivido heroicamente ao período de dificuldades enfrentado por todas as instituições artístico-culturais do país. Isso é digno de aplausos, disse ele, acrescentando que o interesse e a animação de uma grande quantidade de artistas jovens participando do festival era uma demonstração clara, naquele momento, de que Mato Grosso estava sendo um terreno fértil para o teatro.

Sobre a instituição nacional que estava como diretor, destacamos a seguir alguns recortes feitos de uma reportagem produzida pelo jornal Diário de Cuiabá de 25 de abril de 1993, página 29 – DCilustrado. “Ainda neste ano o IBAC deverá retornar à sigla originária – FUNARTE – Fundação Nacional de Artes. Depois do período difícil da era Collor é hora de colocar a cabeça para fora e aproveitar o que sobrou da destruição. Já nos próximos dias vamos retomar o Concurso Nacional de Dramaturgia, o qual premia autores de textos, o Salão Nacional de Artes Plásticas e a Bienal de Música. Para a área teatral realizaremos o *Mergulho Teatral*, cujo lançamento para Mato Grosso fizemos durante o festival. Este projeto já foi,

inclusive, desenvolvido para atender alguns estados brasileiros e acredito que terá uma importância ainda maior para Mato Grosso, onde está acontecendo um grande interesse pelo teatro, mas não existem cursos e nem escolas nesta área. Através do *Mergulho Teatral*, um grupo de 15 a 20 artistas do Estado terão a oportunidade de ir para o Rio de Janeiro em junho próximo para uma reciclagem. O programa será coordenado pelo IBAC e consiste de oficinas, palestras, debates e rodas de estudo. Os artistas mato-grossenses assistirão bons espetáculos, filmes, exposições, musicais, enfim, conhecerão produções teatrais de qualidade e aprenderão muito com isso. O governo do estado, através da FUNCETUR – Fundação Cultural e de Turismo, arcará com as despesas de transporte do pessoal e o restante, lá no Rio de Janeiro, será por conta do IBAC.

A articulação para que Mato Grosso se beneficiasse desse programa foi iniciativa da autora desta monografia, na época presidente da federação de Mato Grosso e integrante do Teatro Experimental de Alta Floresta, que ficou também responsável pelos critérios de seleção do pessoal para compor a equipe de participantes do programa, acertar os detalhes sobre o transporte junto ao governo do estado. Vinte fazedores de teatro foram selecionados para este importante evento, sendo que dois foram de Alta Floresta, Everson Luiz Tiso do Teatro Experimental de Alta Floresta e José Ricardo Ozólio do Grupo Teatral Dito e Feito.

Pela grande e incontestável influência do teatro na sociedade alta-florestense, não somente as realizações do Teatro Experimental, grupo mais antigo do município (completará 26 anos de existência em 09/07/2014), mas também as atividades de todos os outros grupos foram seguidas passo a passo pela imprensa local e conforme ampliavam seus territórios de atuação foi conquistando também a imprensa de outras regiões e da capital pela força que imprimiu no movimento teatral de Mato Grosso. Atualmente, o teatro alta-florestense representado principalmente pelo Teatro Experimental que já está entre os grupos mais conhecidos nacionalmente e participa de projetos e programas em todo o território nacional. Possui sede própria com espaço para apresentações e outras atividades teatrais e para outras modalidades cênicas, montou uma biblioteca com um razoável acervo artístico, denominada “Entrelinhas”, e está também realizando atividades com crianças formando uma espécie de equipes de base para o teatro.

1.15 FORMAÇÃO DE PÚBLICO - DOIS CASOS

Para fortalecer a formação de público para as artes, dois projetos nasceram para expandir ações em dois extratos sociais muito diferentes: a escola e o campo. Outros projetos ocorreram com teor engajamento sócio-cultural com a comunidade, os grupos de Alta Floresta desenvolveram voltados diretamente para a convivência com a comunidade. O um deles é para atender a classe estudantil denominado Escola no Teatro, levando alunos até ao teatro, num revezamento de apresentações de vários grupos. Em alguns casos, as apresentações aconteciam nas próprias escolas. O projeto iniciou em 1991 e durou até 2010, com períodos de interrupções. O outro intitulado Teatro no Campo, em que o Teatro experimental adaptou a peça teatral Fragmentos de Vida (textos e dramaturgia de integrantes do próprio grupo baseado na história de ocupação do território onde foi implantada Alta Floresta) para espaços abertos e percorreu várias comunidades rurais, nos anos de 2004 e 2005, e nos anos subsequentes com outros espetáculos. No perímetro urbano fez várias apresentações em chácaras, principalmente utilizando as margens de represas, lagoas e córregos. O interessante neste espetáculo quando realizado em locais que tinham esses recursos aquáticos é que os atores chegavam de barco e não se utilizava nenhum recurso à base de eletricidade, ou seja, toda a iluminação e os sons eram feitos com equipamentos que os pioneiros dispunham na época como lanternas, tochas e lampiões, uma vez que não existia energia elétrica quando aqui chegaram. A peça era uma sequência de momentos da história quando o único cenário que se encontrava era a própria floresta. Outro fator importante neste espetáculo era que o público era deslocado de algum ponto do centro da cidade e, de ônibus, era levado até às proximidades do local da apresentação e fazia o percurso de chegada a pé, num ritual similar a uma procissão.

1.16 DRAMATURGIA ALTA-FLORESTENSE

No final da década de 1990 começa a surgir os primeiros textos de teatro escritos por pessoas de teatro de Alta Floresta, iniciando com algumas adaptações de livros, sendo as primeiras, *O Reino das Borboletas Brancas* feita por Agostinho Bizinoto do livro de mesmo nome e *O Pequeno Príncipe* feita por Everson Luiz Tiso adaptado do renomado livro também de mesmo nome. Começava a despontar a

dramaturgia alta-florestense, principalmente com a peça *Fragmentos de Vida* numa elaboração coletiva e que já se identificava com a realidade local. Esta peça foi apresentada pelo Teatro Experimental em repetidas temporadas tanto em espaços convencionais (fechados) como em espaços alternativos e abertos depois de adaptada para este fim. Percorreu várias mostras e festivais de teatro até mesmo fora de Mato Grosso. A história da humanidade é marcada pela busca e conquista de novos lugares, sempre na esperança de que a vida vai ser melhor em terras diferentes, mesmo que os desafios sejam muitos. *Fragmentos de Vida* é uma peça teatral que trata um pouco dessa inquietude, ou seja, retrata a migração de um grande número de pessoas oriundas de várias regiões do país, principalmente do SUL, para ocupar o norte de Mato Grosso na década de 1970. Surgiu de pesquisas do ponto de vista sociológico e da junção de textos que conduzissem o espetáculo para o seu objetivo/proposta: repensar, mesmo que timidamente, o processo de ocupação desenvolvido pelas colonizadoras particulares no norte do estado, no qual está inserida Alta Floresta. Este espetáculo estreou em definitivo no ano de 1996.

Depois veio *Bateia*, que também teve vida longa de apresentações, com temporadas que atingiu mais de quarenta exposições desde quando foi escrito em 1999 percorrendo vários municípios mato-grossenses, inclusive foi apresentada também no famoso Teatro de Manaus, por ocasião do 4º Festival de Teatro da Amazônia, em 2007, representando o estado de Mato Grosso por indicação da Federação Mato-grossense de Teatro. Levava como sinopse em seu programa o seguinte texto: “Fernando (apelidado no garimpo de Scoce) e sua família passaram muitas dificuldades na cidade grande e, surgindo a oportunidade de ir trabalhar num garimpo na região norte de Mato Grosso, não pensou duas vezes e partiu na esperança de se dar bem na garimpagem de ouro. Por um tempo, vive a ilusão de se enriquecer (bamburrar) encontrando muito ouro, mas nada consegue e sofre um misto de revolta, frustração e solidão no estranho mundo do garimpo. Não é mais possível nem mesmo retornar pra casa e sua gente nunca mais recebe notícias suas”.

Depois foi escrita a peça *Vote em Mim*, surgida a partir da observação minuciosa das artimanhas que acontecem nos bastidores de uma campanha política, neste caso uma campanha para prefeito. A peça é totalmente interativa, levando o público a participar do começo ao fim do espetáculo. Sua sinopse

descreve que “Um desses assessores de parlamentares que, por ter participado da coordenação de algumas campanhas políticas, foi cedido por um senador para auxiliar o candidato a prefeito Orozimbo Nabuco Maximiliano, popularmente conhecido como seu Nabuco, pertencente ao PSPU – Partido da Sociedade Pudibunda. Seu Nabuco é um antigo morador do Município de Pinguela, cidade do interior de um estado qualquer. A peça ocorre no momento em que o assessor prepara o candidato para o grandioso comício de final de campanha, ocasião em que o senador Quimérdio Boa Sorte estará presente manifestando seu apoio ao seu Nabuco. Das peças teatrais apresentadas pelo de Alta Floresta, *Vote em Mim* está entre as que mais foram apresentadas desde a sua estreia no ano de 2000.

Começam também a elaboração de textos temáticos para atender eventos e atividades de outras entidades. *Tem Bicho na Boca do Rei* nos parece ser o primeiro elaborado a pedido do Rotary Clube para uma grande campanha sobre escovação dentária de orientações e informações para crianças, desenvolvida em parceria com a Associação dos Odontólogos e apresentado como parte integrante dessa campanha. A partir de então, dentre os textos temáticos, são elaboradas pelo pessoal do teatro alta-florestense várias obras em sintonia com as atividades de outros setores como *Por que aconteceu isso comigo?!* Participando da campanha de prevenção contra o vírus HIV/AIDS desenvolvida pelo setor público de saúde; Criações e adaptações de textos para participar de campanhas contra o trabalho infantil; *Auto dos Tributos: O Diabo também cobra tributos* para conscientizar sobre a responsabilidade dos cidadãos pagarem seus impostos e fiscalizarem suas destinações; *Problema nosso* que trata sobre *Agenda 21 Local* com foco na discussão do desinteresse das comunidades de resolverem questões relacionadas aos seus próprios destinos, ou seja, participarem das organizações populares de modo a refletirem nas decisões políticas e outras que foram encomendadas por setores outros setores da sociedade, por acreditarem na força do teatro e em seu poder de comunicação e transformação do ser humano sendo ele próprio o protagonista de sua história.

No livro *O Teatro Mato-grossense – História, Crítica e Textos* do Pós-doutor em Letras, professor da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, professor desta instituição, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e membro Acadêmico do Núcleo Internacional de Letras e Artes da Academia

Brasileira de Literatura, lançado pela Editora UNEMAT em 2010, o autor registra e faz comentários sobre o teatro alta-florestense, bem como sua dramaturgia às páginas 125, 126, 127, 128 e 151,152 e 153, o que mais uma vez comprova a força e a influência do teatro de Alta Floresta no município e além das fronteiras de seu território. O autor deste livro termina seus comentários sobre o teatro de Alta Floresta dizendo que “O teatro alta-florestense continua desenvolvendo intensamente suas atividades e tem contribuído, decisivamente, para a valorização e divulgação das atividades teatrais em Mato Grosso. Acima de tudo, tem projetado seu município e o estado a nível federal, somando-se aos esforços de difusão da arte e da educação humana por meio do teatro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de 1988 é que todo o rico movimento cultural de Alta Floresta começa a trazer para suas pautas coletivas a organização jurídica em forma de associações culturais, dando possibilidades de evolução em suas atividades, ampliando as possibilidades de intercâmbios artísticos por meio de apoios governamentais. Especialmente na década de 1990, houve uma grande efervescência de grupos de teatro ligados a escolas, igrejas e em outros tipos de agremiações, o que foi muito importante para formação de público de teatro e, com impacto também na possibilidade de escolha profissional de jovens pela carreira nas artes cênicas.

Uma das principais conquistas, além da articulação com toda a sociedade, foi a conquista de equipamentos culturais de estrutura e de infraestrutura. Toda a organização jurídica e política permitiu a elaboração de projetos para conseguir equipamentos de iluminação, de som e espaços físicos. Na fundação do TEAF, funcionava em espaços cedidos e os equipamentos eram construídos pelos atores e amigos do grupo. Paulatinamente, com projetos aprovados foram comprados equipamentos de som e luz (1999), por meio da lei de Apoio e Incentivo à Cultura do Estado de Mato Grosso, culminando na Construção do Espaço Cultural Teatro Experimental em 2012, com doação de terreno pela Prefeitura Municipal de Alta Floresta.

O Conselho Municipal de Cultura, pauta de luta do TEAF, a partir de 1990, por meio de sua penetração política, instaurou um clima e um ambiente para construção de um espaço para a produção de uma legislação cultural que atendesse a todos os artistas de Alta Floresta. Além da contribuição e "assessoria" para organização jurídica das entidades, o grupo se empenhou para elaborar leis e cuidar para que houvesse articulação política junto ao poder executivo municipal e a Câmara Municipal de Vereadores, como a própria lei que cria o Conselho Municipal de Cultura e, a Lei Municipal de Incentivo à cultura de 1991, antes mesmo da existência da conhecida lei da Cidade de São Paulo.

Em meio a tantas lutas, desafios, diversidades e adversidades, as pautas foram crescendo e necessitavam de articulação em outros âmbitos, especialmente no estadual. E a partir de 1989 é que Alta Floresta se articula para a criação de

pólos Regionais no âmbito da Federação Mato Grossense de Teatro, instituindo o Pólo Norte de Teatro. A organização descentralizada e democrática, realizava mostras de teatro, encontros e reuniões. Além disso, realizava, também, o Festival mato grossense de Teatro, em âmbito Estadual. Importantes espaços de formação foram construídos neste tempo para formação técnica como o "oficínio" realizado em Alta Floresta/MT em que imersos em debate, exercícios e outras atividades registros, especialmente, na memória dos participantes.

Dois projetos de formação de plateia marcaram a história do teatro em Alta Floresta pelo seu alcance de dois públicos, quais sejam o estudantil e o de campo, disponibilizando obras artísticas a públicos que não tem em seu dia a dia oportunidade de ver teatro com frequência.

As atividades culturais e sua evolução no mundo, fez-se aprimorar as conquistas em busca de uma cidade que aprimora a democracia e efetiva o direito cultural de seus habitantes. Evidencia, também, que os direitos que são conquistados necessitam de uma luta incansável para que sejam mantidos. Ainda, pode-se inferir que é sempre necessário a formação de pessoas para fruir arte, neste trabalho, com foco no teatro. Assim, revela-se os desafios futuros no processo de construção e aprofundamento dos direitos culturais e, a importância das pessoas se engajarem na luta pela pauta comum.

REFERÊNCIAS

DIÁRIO DE CUIABÁ, de 25 de abril de 1993, página 29 – DCilustrado.

FOLHA POPULAR – 09 a 26 de maio de 1990, p. 01; matéria intitulada “*Cultura em Ação*”, Alta Floresta, Mato Grosso.

JORNAL A NOTÍCIA – mensário - de Dezembro de 1990, p. 03; matéria com o título: “*Agostinho Bizinoto é Reeleito*”, Alta Floresta, Mato Grosso.

JORNAL DA CIDADE, agosto de 1989, p. 05, *Notícias Sociais e de Arte*, Alta Floresta/MT.

JORNAL DA CIDADE, de 01 a 08 de maio de 1991, p.03, matéria intitulada “*A. F. na FEMATA*”, Alta Floresta, Mato Grosso.

JORNAL DA CIDADE, de 16 a 21 de fevereiro de 1990, p.04; matéria publicada com o título: “*Teatro Experimental*”, Alta Floresta, Mato Grosso.

JORNAL de ALTA FLORESTA. = Ano I = Edição ^o 26 – 12 a 19 de Outubro de 1989, p. 01: matéria publicada com o título “*Ed. Chamado Sucesso*”, Alta Floresta, Mato Grosso.

JORNAL FOLHA DA FLORESTA – periodicidade mensal - maio de 1990, p. 03; matéria intitulada “*Casa de Espetáculos*”, Alta Floresta, Mato Grosso.

JORNAL FOLHA DO ESTADO, de 7 de junho de 2003, Sábado, Página 3^a, matéria publicada com o título “*Teatro de Alta Floresta, o norte sai na frente*”. Cuiabá, Mato Grosso.

JORNAL TRIBUNA DO TAPAJÓS – Ano I – nº 2 – página 07, em sua circulação correspondente ao período de 11 a 25 de novembro de 1991. – Alta Floresta, Mato Grosso.

LEI Orgânica do Município de Alta Floresta/MT. Seção XI; *Da Cultura, artigos de 119 a 128, com seus respectivos subitens e parágrafos*, 1992.

LIBRETO COLETIVO, TEAF. *Teatro experimental de Alta Floresta: 15 anos em cena*. Editora EGM, julho. de 2003. (Edição comemorativa), p. 25, Alta Floresta, Mato Grosso.

MACEDO, Agostinho Bizinoto Macedo (Agostinho Bizinoto). *Textos teatrais: dramaturgia popular surgida de experiências em grupo*. Alta Floresta: Editora EGM, 2008.

MACEDO, Agostinho Domingos Bizinoto. Consultas em arquivos pessoais de um dos fundadores do primeiro grupo de teatro formalizado e devidamente registrado em cartório e reconhecido como de utilidade pública municipal e estadual. Arquivo, 1988 a 2013. Alta Floresta, Mato Grosso..

MOURA, Carlos Francisco; “*O Teatro de Mato Grosso no Século XVIII*” (Coleção Olhos de Recreio: Série Artes; 2) 2ª publicação. Cuiabá - Edições UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso/ 1ª Publicação/ Belém/ SUDAM, 1976.

PESQUISA em documentos do Polo Norte de Teatro criado no início de 1990. Arquivos que ainda estão sob a guarda da Editora e Produtora EGM, (livro de atas, correspondências, registros de mostras regionais de Teatro e de alguns festivais estaduais, publicações em jornais, vídeos etc), 1990 a 2006, Alta Floresta, Mato Grosso.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da Silva “*O Teatro Mato-grossense – História, Crítica e Textos*”. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010.